

# CADERNO ESCOLA VIVA, VIVA A ESCOLA DOMINICAL

## Nº 2

### apresentação

Este é caderno de apoio ESCOLA VIVA, nº 2, produzido pela Escola Dominical da Igreja de Vila Isabel.

Escola Viva é um caderno de apoio aos professores(as) da Escola Dominical e ao ministério que exercem na área docente da Igreja. Primeiro, dando subsídios bíblicos, doutrinários, teológicos e espirituais a quem precisa entender e crer para depois repartir e ensinar... Segundo, promovendo a reflexão, a discussão, a partilha e o crescimento do corpo docente da agência da Igreja que tem a responsabilidade de edificar os crentes, fazê-los discípulos maduros, conhecedores da Palavra de Deus, e perseverantes na “doutrina dos apóstolos”.

### **ÍNDICE**

- ❖ **A ESCOLA DOMINICAL** – Sônia Ely Brum Claro Ortigoza
- ❖ **A EUCARISTIA PARA CRIANÇAS** – Anita Betts Way
- ❖ **A EUCARISTIA OU CEIA DO SENHOR** - texto adaptado de Nilo Belotto, Duncan Reily e Ely Éser Barreto
- ❖ **A MENSAGEM PASCAL DA IGREJA** – Bispo Paulo Lockmann
- ❖ **O BATISMO CRISTÃO** - Donald Raffan
- ❖ **A MANEIRA DO BATISMO CRISTÃO** – Wilbur K. Smith
- ❖ **ORIENTAÇÕES PASTORAIS SOBRE CELEBRAÇÃO DE BATISMO INFANTIL E CASAMENTO** – Ronan Boechat de Amorim
- ❖ **O ALDERSGATE DEPOIS DE 261 ANOS** – Duncan A. Reily
- ❖ **AS MARCAS DE UM METODISTA** – Texto adaptado do Rev. John Wesley)
- ❖ **A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ: UM RELACIONAMENTO EM AMOR** – texto adaptado Ricardo Barbosa de Souza.

### **A ESCOLA DOMINICAL**

(Pastora Sônia Ely Brum Claro Ortigoza, Pastora Metodista, estudando no Canadá)

A Escola Dominical é a escola de educação cristã. Funcionando aos domingos, derivou desse dia o seu nome. As Igrejas confiam à Escola Dominical as vidas em formação, requerendo dela que coopere eficientemente com os lares na edificação moral e espiritual da infância e da adolescência. E não só lhe atribuem o dever de ministrar educação cristã à infância e à adolescência, como também lhe atribuem o dever de ministrar aos adultos, de ambos os sexos, com o fim de instruí-los na verdade, prepará-los para o viver cristão diário e cooperar com o Espírito Santo na santificação de suas vidas.

Compete, pois, à Escola Dominical promover meios de estabelecer métodos de educação cristã, para alcançar seus objetivos. Vejamos resumidamente, a seguir, o desenvolvimento da instrução religiosa nos tempos bíblicos até nossos dias.

## **I - NOS PRIMÓRDIOS DA EDUCAÇÃO:**

a) **NOS DIAS DE MOISÉS** - Examinando o Pentateuco, observamos que no princípio os pais eram os responsáveis pelo ensino da revelação divina. O lar, era de fato, uma escola onde os filhos aprendiam a temer, adorar e amar a Deus. "E estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu coração, e as intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, deitando-te e levantando-te. E ensinai-as a vossos filhos..." (Dt 6:6 e Dt 11:19).

b) **NA ÉPOCA DOS PROFETAS** - As escolas de profetas eram os lugares onde as Escrituras eram transmitidas aos jovens profetas, que substituíam seus antecessores. Podemos encontrar mencionadas as seguintes escolas de profetas: em Gibeá (1Sm 10:10); Ramá (1Sm 19:19); Jericó (2Rs 4:38) e Gilgal (2Rs 4:38). Quando os reis de Judá eram piedosos, aliavam-se aos profetas na promoção do ensino bíblico e da lei do Senhor para o povo (2Cr 17:7-9).

c) **DURANTE O CATIVEIRO NA BABILÔNIA** - Nessa época, os judeus estavam privados de freqüentar o templo de Jerusalém. Então foram criadas as Sinagogas. A Sinagoga era o lugar do ensino bíblico, casa de cultos e escola pública.

d) **APÓS O CATIVEIRO** - Em Neemias 8:1-12 encontramos que Esdras era o superintendente, os livros da lei era o livro texto e os alunos eram homens, mulheres e crianças. Um exemplo típico de Escola. Na Sinagoga a criança recebia instrução religiosa dos 5 aos 10 anos, para na fase seguinte continuar com o auxílio dos comentários e tradição dos rabinos.

e) **JESUS E OS APÓSTOLOS** - Jesus foi o grande Mestre. grande parte de seu ministério foi ocupada com o ensino. Preparou seus discípulos e lhes recomendou que continuassem a Obra. Os discípulos deram continuidade a este ensinamento, por isso a Igreja Primitiva cresceu. As cartas paulinas, as epístolas pastorais e os escritos chamados "Pais Apostólicos", como Irineu e Policarpo, comprovam fartamente essa afirmativa.

No entanto, foi no século XVIII que teve início a obra atual de preparação da humanidade para a vida social e religiosa, por meio da Escola Dominical.

## **II - A ESCOLA DOMINICAL:**

Robert Raikes, um jornalista inglês, cujo pai fora diretor-proprietário do "Gloucester Journal", impressionado com o futuro das crianças que nas ruas de sua cidade não só perdiam as horas de lazer, como a infância propriamente dita, na escola do vício e da ociosidade, iniciou em 1780 um trabalho de saneamento moral, organizando escolas de civismo e de religião. As classes se reuniam nas ruas e praças da cidade e em salas particulares; para isso cedidas gratuitamente ou obtidas com as contribuições de amigos interessados no bem-estar da infância e da adolescência.

Embora começasse o seu trabalho em 1780, a organização definitiva da Escola Dominical, com caráter mais permanente, verificou-se em fins de 1781 ou nos princípios de 1782. É o dia 3 de novembro de 1783 que é considerado o dia natalício da Escola Dominical como movimento de educação cristã.

A obra da Escola Dominical não teve, no início, a orientação atual. Raikes contratou alguns professores aos quais pagava do seu próprio bolso ou com recursos de alguns companheiros de ideal. Lições de gramática, rudimentos de aritmética, princípios de moral e instrução bíblica eram ministradas por esses professores às crianças arregimentadas nas praças, ruas e vielas. Das praças e salas, a Escola Dominical, por sua natureza espiritual, não demorou forçar sua entrada nas casas de culto.

Os contemporâneos de Raikes combateram vivamente a sua iniciativa. Os mais zelosos acusavam-no de profanar o domingo. Outros temiam que a presença de criança pouco comportadas profanassem os templos. A imprensa secular, no entanto, transcrevia e comentava favoravelmente os artigos que Raikes publicava em seu jornal, sob a epígrafe "A Escola Dominical", formando ambiente e animando alguns jornais evangélicos a tomar partido favorável à Escola Dominical. Somente em 1787, foi reconhecida pelos bispos da Igreja do Estado (anglicanos), que até então não lhe haviam dado a menor importância.

Em toda a Inglaterra havia filiais da Escola Dominical ou imitadores do trabalho de Raikes. Mas a situação na Inglaterra não era nada agradável. Surge, então, um comerciante também em Londres chamado William Fox, que concluiu que se os pobres pudessem ter uma formação religiosa e moral poderia haver uma grande transformação cultural e social naquele país. Com a ajuda de amigos e mais tarde aliado ao próprio Robert Raikes, puderam ver resultados positivos.

John Wesley, fundador do Metodismo, viu na Escola Dominical uma grande potência e foi um dos primeiros a adotá-la. Mas devido a dificuldade para a manutenção dos professores, criou o sistema de professores voluntários, tal qual conhecemos em nossos dias.

Vencidas as primeiras dificuldades, as classes bíblicas se propagaram de modo rápido. Quatro anos após a fundação, a Escola Dominical tinha aproximadamente 250 mil alunos matriculados. Em 1811, data do falecimento de Raikes, já haviam 400 mil alunos.

Sob o ponto de vista da contribuição moral, é eloqüente o testemunho dos melhores historiadores; alguns dos quais afirmam que "não só o despertamento religioso e espiritual, sob a liderança de John Wesley e

Whitefield, como o movimento educativo concomitante da Escola Dominical, preservaram a Inglaterra dos horrores da Revolução Francesa."

Gradativamente, a auspiciosa Escola, sem que Raikes jamais sonhasse o sucesso obtido, foi se estendendo sobre outras terras e povos, alcançando rapidamente, em cada nação e comunidade, desde a criança até aos adultos.

Dentre as Igrejas, a Metodista foi a pioneira da obra de educação religiosa. Em 1790 a Conferência Metodista de Charleston, por exemplo, reconheceu a Escola Dominical oficialmente, recomendando a sua organização em duas sessões dominicais, matutina e vespertina.

### **III - A ESCOLA DOMINICAL NOS ESTADOS UNIDOS:**

Em 1785, foi estabelecida por William Elliot, em sua própria casa. No início, o método era informações e treinamento para leitura posterior da Bíblia. Os negros e escravos tinham o mesmo ensino, mas em outra hora.

A Bíblia era praticamente o único livro texto nesta Escola. Mais tarde surgiu a segunda Escola Dominical, estabelecida por Francis Asbury, em 1786, na casa de Thomas Censhaw. Em 1790, como já mencionamos, a Conferência Metodista (uma espécie de Região Eclesiástica parecida com as que temos no Brasil) de Charleston, na Carolina do Sul, deu oficial reconhecimento a tais Escolas Dominicais, incentivando a criação de outras mais, onde, crianças brancas e negras pudessem ser instruídas para lerem a Bíblia. Em seguida outros lugares também despertaram o interesse em abrir Escolas Dominicais.

### **IV - A ESCOLA DOMINICAL NO BRASIL:**

O movimento oficial das Escolas Dominicais no Brasil teve início em 19 de agosto de 1855, na cidade de Petrópolis, graças à dedicação do Rev. Roberto Kalley e Sr<sup>a</sup> Sara Kelley. À primeira reunião compareceram cinco crianças, mas o trabalho progrediu, organizando classes cujo ensino era ministrado em português para as crianças brasileiras e em alemão ou inglês para as crianças dos imigrantes estabelecidos em Petrópolis.

# POR UMA ESCOLA VIVA

Pr. Ronan Boechat de Amorim

## **APRESENTAÇÃO**

Logo no início do meu trabalho pastoral em Vila Isabel, meados de 1996, apresentei à liderança da Escola Dominical e à liderança da nossa Igreja algumas idéias que poderiam mexer na estrutura, filosofia, objetivos, dinâmica e motivação da Escola Dominical. Estas idéias estão no texto abaixo. Dele pudemos definir o atual Regimento da nossa Escola Dominical, publicado logo após este texto. Vale a pena "viajar" nessas idéias... e pensar.

## **I - INTRODUÇÃO:**

A Igreja pertence única e exclusivamente ao Senhor nosso Deus. Só Ele é Senhor, único Senhor. Todos que integram a Igreja são seus filhos e filhas que O servem na missão que Ele confiou-nos: anunciar o Reino, anunciar as Boas Novas, anunciar o perdão, salvação e vida abundante para além da morte que só em Jesus nós encontramos.

A Escola Dominical deve ser vista como lugar santo e especial na vida da Igreja e no Coração de Deus. A Escola Dominical precisa estar mais viva do que nunca. Mas precisa ser revalorizada. Pois infelizmente muitas vezes é vista como um acessório que na hora de crise ou falta de tempo abrimos mão sem grande sensação de perdas e danos. Muitos levam os filhos "inquietos, bagunceiros e barulhentos" ao shopping, a cinema, férias, etc. Mas na Escola Dominical não. Reciclar professores, atualizar métodos de ensino, dinamizar o ensino-aprendizagem (a aula), aprofundar conteúdos, buscar ensinar não uma filosofia ético-religiosa, mas a Palavra Viva e o Poder de Deus que se experimenta.

A Escola Dominical para o cristão deve ser muito mais que obrigação. Deve ser prazer. O prazer de ouvir uma bela história bíblica; o prazer de crescer no conhecimento, compreensão e fé na Palavra do Deus Vivo; o prazer de ser moldado pela divinas mãos do Deus criador; o prazer de partilhar visões de Deus e experiência da nossa fé; o prazer de perceber que o Espírito de Deus nos capacita para discernir a vontade de Deus, de saber que em Cristo somos mais que vencedores...

Mas a velha estrutura da Escola ajuda-nos nessa compreensão nesses tempos que a Igreja Metodista recupera e se organiza segundo os princípios bíblicos de Dons e Ministérios? Como tudo produzido, pensado e executado pelo homem caracteristicamente imperfeito e contraditório, não pode ser aperfeiçoada, modernizada e reinventada? A estrutura deve servir ao homem e à mulher que devem servir a Deus. A Igreja é de Jesus. Ninguém deve achar que tem direitos além do mais belo e sublime que a graça e o amor de Jesus nos permitem: o direito de sermos servos. A Igreja é a comunidade de servos e servas de Deus. As pessoas devem servir a Deus e não ao próprio ego ou à estruturas, regras, ideologias, bandeiras, ênfases e a cargos.

Creio que é chegado o tempo oportuno de rediscutirmos e reinventarmos por amor e no poder de Deus a nossa Escola Dominical. Sem medo de sonhar, sem medo do trabalho que dá preparar o terreno e cuidar do sonho até que venha florescer. Sem medo de sermos também pragmáticos. Sem medo da técnica e da ciência, particularmente educação e administração. Sem medo da fé que exige que extrapolemos a segurança cômoda do racional que dominamos ou podemos entender. Sem medo da novidade construída com oração, reflexão e lucidez, evitando descaminhos que ameacem arranhar e ferir tradições vitais ao evangelho e ao metodismo; duas pérolas de grande valor. Sem medo do novo e da tendência de alguns para os modismos. Sem medo ter de encarar o poder dentro da Igreja e da conversão a que muitos serão forçados a ter, vendo o poder como serviço, a partir da visão e postura de servos e servas de Deus. Sem medo da ação do Espírito Santo que inspira, guia, orienta e confirma os propósitos de Deus em nossas vidas e na vida de nossa Igreja (que é de Deus!).

O Metodismo só cresceu e se tornou uma potência no evangelismo e a Igreja abençoada que é hoje em todas as partes do mundo porque creu e ousou. Só cresce quem dá o passo maior que as pernas. Ainda mais quando se sabe que, a amparar-nos estão as boas e seguras mãos de Deus.

## **II - DEFINIÇÃO:**

A Escola Dominical é, por excelência, a agência de formação bíblica, teológica e de capacitação de obreiros(as) para a Missão.

## **III - O OBJETIVO:**

Capacitar homens e mulheres bíblica e tecnicamente para o exercício dos Dons e Ministérios "com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo" (Ef 4:12).

## **IV - A PROPOSTA:**

Dinamizar e renovar a Escola Dominical a fim de adequá-la aos princípios bíblicos de Dons e Ministérios, dando-lhe objetividade na ação de uma Igreja Missionária.

A Escola Dominical teria fases ou serviços diferentes:

## 1 - A FASE INFANTO JUVENIL:

É a fase da Escola voltada para atender e formar os alunos e alunas desde o rol do berço até (e inclusive) a classe de juvenis.

Fazem parte dela:

- 1 - Classe do Rol do berço
- 2 - Classe de crianças de 1 a 4 anos de idade
- 3 - Classe de crianças de 5 a 6 anos
- 4 - Classe de crianças de 7 a 9 anos
- 5 - Classe de crianças de 10 a 12 anos
- 6 - Classe de pré-adolescentes de 12 a 14 anos
- 7 - Classe de juvenis de 14 a 17 anos

## 2 - A FASE ADULTA:

É uma fase da Escola voltada para a preparação bíblica, doutrinária e ministerial de homens e mulheres maiores de 18 anos para o exercício de Dons e Ministérios numa Igreja Missionária. Essa fase deve ter um currículo elaborado para atender ao homem e mulher adulto da Igreja Metodista de Vila Isabel onde estejam presentes cursos visando a formação e a capacitação bíblica, doutrinária, ministerial, missionária, teológica e pastoral da Igreja.

Nesta fase teríamos:

### 2.1 - Classe de Jovens de 18 a 23 anos:

As pessoas dentro deste limite de idade a qualquer tempo poderão se inscrever nesta classe que funcionará excepcionalmente como curso de síntese, nivelamento e reciclagem de tudo o que foi ministrado levando-se em conta os currículos das classes da Fase Infanto-Juvenil. Outros objetivos seriam, de um lado, o preparo deste grupo para a nova dinâmica e estrutura da Escola Dominical a partir deste ponto e, por outro, estimular a unidade e amizade entre a mocidade da Igreja.

OBS: Não haverá obrigatoriedade dos alunos(as) da Escola Dominical dentro desta idade participarem obrigatoriamente desta classe, embora seja recomendável.

### 2.2 - Cursos de Capacitação Bíblica e Doutrinária:

- as pessoas a partir dos 18 anos escolhem livremente um tema de interesse e as 20 primeiras pessoas inscritas num tema integram uma classe.

Podem ser temas propostos:

- Classe de estudo dos Profetas
- Classe de estudo das Cartas Paulinas
- Classe de estudo sobre o Êxodo
- Classe de estudo sobre a História do Povo de Israel
- Classe de estudo sobre as relações entre fé e ciência
- Classe de estudo sobre teologia Metodista
- Evangelização
- Os 25 Artigos de Religião do Metodismo Histórico
- Os sermões de Wesley

### 2.3 - Cursos de Capacitação Ministerial e Missionária:

- as pessoas maiores de 18 anos se reúnem a partir do ministério local que integram, independentemente do número de pessoas que integram cada ministério, ou escolhem "cursos livres" e as 20 primeiras pessoas inscritas num curso integram a classe.

Podem ser cursos propostos:

- Classe do Ministério de Ação Social
- Classe de Formação de Professores(as) para a Escola Dominical
- Classe de Formação de Dirigentes de Pontos Missionários
- Classe de Formação de Visitadores e Intercessores
- Classe de Formação para Trabalho Missionário com Crianças de Rua
- Classe de Formação para o Ministério da Música e da Liturgia

### 2.4 - Cursos de Capacitação Teológica:

É uma Escola para pessoas já engajadas num trabalho missionário da Igreja que desejam se aprofundar bíblica e teologicamente sua fé. A idéia é ministrar, se possível em convênio com os órgãos responsáveis, disciplinas teológicas ministradas nos cursos Básico de Teologia, Formação de Evangelistas, Formação em Educação Cristã, etc, procurando seguir carga horária e ementa de cada disciplina.

Podem ser oferecidas, por exemplo, as disciplinas:

- Literatura do Antigo Testamento
- Teologia do Novo Testamento
- História das Leituras da Bíblia
- Cristologia

- Antropologia Bíblica
- Escatologia Cristã
- Ética Cristã
- Evangelização
- A História da Salvação

#### 2.5 - Cursos Pastorais:

São classes criadas eventualmente para atender a uma necessidade ou aproveitar uma oportunidade da comunidade de fé.

Nesta fase funcionariam classes de estudos tais como:

- Classe de casais
- Classe de jovens de 24 a 30 anos de idade
- Classe de negros
- Classe de alfabetização a partir da bíblica
- Classe de estudos bíblicos em inglês ou espanhol
- Classe de mulheres descasadas
- Classe de empregadas domésticas
- Classe de universitários

### 3 - A FASE DO DISCIPULADO:

A fase do discipulado visa atender particularmente as pessoas adultas que chegam para compor nossa comunidade de fé. Podendo também servir de instrumento de "reciclagem" bíblica, doutrinária, missionária e ministerial de pessoas que ainda não encontraram seu "lugar" ministerial no Corpo de Cristo. As classes desta fase estariam ligadas diretamente ao Pastor(es) da Igreja e ao Corpo Pastoral. Esta fase abrangeria:

#### 3.1 - Classe de Integração:

Esta classe é como o próprio nome já diz, de integração. Nela são ministrados cíclica e ininterruptamente os ensinamentos básicos da fé cristã metodista aos novos convertidos a partir dos 14 anos e, para onde devem ser conduzidos todos os visitantes não evangélicos com 14 anos de idade ou mais. Se uma pessoa entra nesta classe na lição 17, por exemplo, ela deve ir até a última lição, recomeçar junto com a classe na primeira e terminar os seus estudos nesta classe quando novamente chegar a lição 17.

O Concílio Local no Regimento Interno da Igreja determinou que seja definido um currículo básico para ser ministrado a pessoas interessadas em serem membros da Igreja.

#### 3.2 - Classe de Discipulado:

A classe de Discipulado deve preparar o crente recém convertido para o Testemunho, a Evangelização, para a vida eclesial (ser Igreja Corpo de Cristo) e para os princípios bíblicos de Dons e Ministérios, ocasião em que deverá descobrir o seu lugar no Corpo, isto é, identificar seu Dom e iniciar o exercício do Ministério referente ao seu Dom Espiritual.

Participam desta classe os visitantes evangélicos, os alunos vindos da classe de Integração ou da Classe de Juvenis. Para metodistas vindos de outras Igrejas Metodistas, eles devem ser consultados onde se acham preparados para estar e orientados em que classe devem participar.

Também devemos discutir um currículo de aprofundamento na doutrina, organização ministerial e documentos da Igreja, entre os quais o Regimento e o Plano de Ação da Igreja.

### **V - ESCOLAS DOMINICAIS MISSIONÁRIAS:**

Serão gerenciadas preferencialmente por um "Conselho Missionário" composto por pessoas dos Ministérios do Ensino e Capacitação para a Missão e da Evangelização e Expansão Missionária. A Escola Dominical terá um Vice-Superintendente da Escola Dominical para cada Escola Dominical Missionária.

### **VI - O CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) PARA A ESCOLA DOMINICAL:**

Deve durar no mínimo 4 meses (aproximadamente com 17 encontros) com a seguinte base mínima de conteúdos:

- a) Formação do cânon Bíblico e gêneros literários do mesmo
- b) panorâmica do conteúdo teológico de cada livro da Bíblia
- c) planejamento do curso ( como planejar o curso, o plano de aula, a avaliação, etc... )
- d) dinâmica de grupo ( métodos de ensino, dinâmicas, recursos didáticos, etc...)
- d) panorâmica da Palestina no tempo de Jesus
- e) panorâmica da história de Israel
- f) panorâmica da história da Igreja
- g) história e principais Doutrinas da Igreja Metodista
- h) evangelização

Paralelo ao Curso de Formação, o candidato(a) deverá desenvolver leituras e pesquisas sobre o tema que estará se preparando para ministrá-lo em classe de estudos. Essas leituras e pesquisas deverão ser verificadas em trabalhos escritos e aulas expositivas. Os conteúdos ministrados no Curso também serão verificados em ( ou imediatamente após) cada aula ministrada.

Será importante que o candidato a professor(a) da Escola Dominical passe por um "Estágio Supervisionado" junto a um professor(a) mais experiente e uma classe pelo menos durante dois meses ( aproximadamente 4 encontros dominicais ).

## **VII - O CRONOGRAMA DA ESCOLA:**

A Escola Dominical desta proposta nascerá a partir da Escola Dominical que temos. Já temos criadas as classes de Integração e Discipulado. A próxima etapa é a criação de pelo menos uma classe de formação ministerial atendendo particularmente ao ministério da Oração e ao Ministério da Evangelização e Expansão Missionária. A partir daí o Ministério do Ensino e Capacitação para a Missão discutirá passo a passo cada etapa, alvos, currículos.

O ideal é que tenhamos simultaneamente funcionando com todas as classes da Fase Infanto-Juvenil e do Discipulado, e com pelo menos uma classe com as ênfases e serviços propostos neste documento para a Fase Adulta.

## **VIII - NO DOMINGO:**

Nossa Escola Dominical funcionaria com os seguintes horários:

9h - Abertura da Escola

9:10h - Divisão em Classes

10:20h - Encerramento

OBS: Apesar do nome Escola Dominical e do horário definido, nada impede que ela venha a ter classes especiais noutros horários e até mesmo noutros dias da semana para atender a pessoas desejosas por maior formação ou impossibilitadas de serem alunos(as) no domingo.

## **IX - DURANTE A AULA NA CLASSE DE ESTUDO:**

Quem planeja um encontro de estudo bíblico na classe de Escola Dominical leva em conta o objetivo da reunião, que é determinado pelo objetivo da lição a ser estudada. Deve reservar-se a maior parte do tempo para alcançar este objetivo. Sugerimos:

1 - O momento de Integração:

O Coordenador(a) da Classe para "quebrar o gelo" e captar a atenção e a coesão do grupo, deve cantar um cântico ou fazer uma oração invocando a inspiração e direção de Deus.

2 - O momento da Rememoração:

Sem permitir que o grupo volte à discussão anterior, o Coordenador(a) de Classe faz ( ou solicita que alguém faça!) um breve retrospecto do assunto estudado na(s) última(s) aula(s) para que se ter noção de onde o grupo parou e ter assim um ponto seguro para continuar a caminhada.

3 - O momento da discussão da lição do Dia:

O Coordenador(a) de Classe deve promover a discussão do assunto em pauta sem fugir dos objetivos propostos pela lição. A lição não deverá ser lida em classe. Deverá ser estudada em casa, ficando os encontros dominicais para o aprofundamento, esclarecimento de pontos e questões, a partilha de experiências e compreensões sobre o assunto.

4 - O momento da Síntese:

No final do trabalho colhe-se os frutos. Aprofundando o assunto da lição, chegamos a que profundidade, a que pontos importantes? Respondemos perguntas? Quais? Como? Que questões a gente conseguiu responder? Quais ficaram sem respostas?

5 - O momento da avaliação do encontro:

Nos últimos 3 minutos o Coordenador(a) de Classe deve proceder a uma pequena avaliação sobre o encontro. A reunião rendeu? Perdemos tempo? Alcançamos o objetivo proposto pela lição? Fizemos a síntese? Sugestões para o próximo encontro.

## **X - A COORDENAÇÃO DA ESCOLA:**

É coordenada pelo Ministério de Ensino e Capacitação para a Missão, conforme Regimento da Escola Dominical aprovado pelo Concílio Local.

## **XI - COMPETE AO MINISTÉRIO DO ENSINO E CAPACITAÇÃO PARA A MISSÃO NO CONCERNENTE À ESCOLA DOMINICAL:**

- a) Coordenar, supervisionar, planejar, executar o planejamento, avaliar, propor currículos, material e celebrações especiais para a Escola Dominical Ministerial;
- b) Elaborar o currículo a ser estudado na Escola Dominical, que abranja a formação bíblica, teológica, doutrinária e missionária, a capacitação de obreiros e obreiras, formação de liderança, entre outros;
- c) Apresentar e Desenvolver o Planejamento anual;
- d) Desenvolver formação de novos professores(as) para a Escola Dominical e reciclagem dos atuais professores(as) das classes de Estudo;

- e) Convidar, em comum acordo com o pastor, e com a antecedência necessária as pessoas para serem os professores das classes de estudo da Escola Dominical, preferencialmente com formação específica, ou no mínimo, que se preparem pra tanto;
- f) Garantir que cada classe de estudo da Escola Dominical tenha dois professores, que tabalharão juntos em equipe a partir e conforme orientação desse Ministério;
- g) Definir pessoa ou grupo de pessoas para prestar Assessoria e fazer acompanhamento didático-pedagógico ao Coordenador(a) da Escola e aos Coordenadores(as) de Classe de Estudo, sugerindo dinâmicas de grupo, utilização de material visual, exercícios de aprofundamento, bibliografia de auxílio pedagógico;
- h) Reunir-se mensalmente para avaliações e encaminhamentos próprios da competência do Ministério, bem como para a partilha de experiências, oração, e confraternização.
- i) Acompanhar o trabalho de Coordenadores(as) de futuras classes para que tenham obrigatoriamente com 50 dias de antecedência do início do funcionamento das respectivas Classes todo o planejamento do curso a ser desenvolvido, inclusive as apostilas quando for o caso;
- j) Trocar Coordenadores(as) quando estes não corresponderem aos compromissos e às expectativas;
- l) Garantir a participação dos dois professores de cada classe nos respectivos planejamento de curso de cada Classe de Estudo;
- m) Executar o Planejamento do Ministério aprovado pelo Concílio Local e cumprir o Regimento da Escola Dominical;
- n) Manter estreitos laços de comunhão e diálogo com o Pastor Titular, submetendo-se à orientação Pastoral;
- o) Indicar ao Concílio Local até 3 nomes dentre o quadro do Ministério para que o Concílio possa escolher o(a) Superintendente da Escola Dominical;
- o) Relatar ao Concílio Local.

## **XII - COMPETE A(O) SUPERINTENDENTE DA ESCOLA DOMINICAL:**

- a) Dirigir ou convidar, em comum acordo com o Ensino e da Capacitação para a Missão, pessoa(s) ou grupo(s) da Igreja Local para coordenar os encontros dominicais da Escola Dominical;
- b) Preparar-se em oração para cada encontro dominical, intercedendo também pelos Coordenadores(as) de Classe e Alunos(as);
- c) Chegar pelo menos 10 minutos antes do horário da abertura da Escola para dar uma "vistoriada" em tudo e para ajudar no que for preciso aos Coordenadores(as) das Classes e Secretária(s) da Escola;
- d) Preparar cada encontro dominical da Escola Dominical de forma que seja criativo, participativo reverentes;
- e) Acolher os visitantes, procurando na medida do possível encaminhá-los para a classe correspondente a sua idade ou, se com 18 anos de idade ou mais para a classe de integração (se não forem evangélicos) ou para a classe de Discipulado (se já forem evangélicos);
- f) Acompanhar e assessorar os Coordenadores(as) das Classes de Estudo, garantindo que as revistas ( material didático ) sejam usadas e que os objetivos de cada lição sejam desenvolvidos e alcançados em cada encontro;
- g) Cumprir as orientações e planejamento do Ministério do Ensino e da Capacitação para a Missão;
- h) Integrar e reportar-se ao Ministério do Ensino e da Capacitação para a Missão;
- i) Encaminhar Coordenadores(as) de Classe que estejam com dificuldades para receberem orientações da Assessoria da Escola, ou quando for o caso, do pastor;
- j) Coordenar a avaliação dos Coordenadores de Classe;
- l) Ser avaliado pelo Ministério do Ensino e da Capacitação para a Missão;
- m) Definir as tarefas de cada Secretária da Escola, caso exista mais de uma.

## **XIII - COMPETE AO COORDENADOR(A) DE CLASSE:**

- a) Ter Plano do Curso (planejamento) a ser ministrado e material didático ( para estudo) pronto e em mãos pelo menos 50 dias antes do início do funcionamento da Classe;
- b) Preparar-se em oração para cada encontro dominical;
- c) Preparar a lição com a antecedência necessária;
- d) Chegar pelo menos 10 minutos antes do horário da abertura da Escola para dar uma "vistoriada" na sala de aula e preparar todo equipamento necessário;
- e) Garantir que sejam desenvolvidos e alcançados durante o tempo de estudo em classe os objetivos da lição de cada encontro;
- f) Usar obrigatoriamente como texto para estudo a revista adotada pela Escola;
- g) Seguir o seu Planejamento aprovado pela Escola, elaborando plano de aula ( com objetivos, metodologia, conteúdos, recursos, bibliografia e avaliação) para cada encontro;
- h) Garantir durante o encontro de estudo a criatividade, a participação de todos os alunos(as), a dinâmica e objetividade das discussões do assunto;
- i) Garantir que os alunos e alunas se conheçam e ampliem a vivência fraterna e cristã;
- j) Estimular o estudo da lição pelos alunos(as) durante a semana;
- l) Ser democrático, ou seja, não impor idéias, conceitos, etc..., visto que ninguém é obrigado a pensar como o Coordenador(a) de Classe;
- m) Promover a avaliação dos encontros;
- n) Compor e participar das reuniões do Ministério do Ensino e da Capacitação para a Missão;
- o) Buscar ajuda didático-pedagógica na Assessoria designada pelo Ministério do Ensino e da Capacitação para a Missão e ajuda pastoral e teológica, quando for o caso, com o pastor;
- p) Planejar as faltas com antecedência e avisar antecipadamente para o outro Coordenador(a) de Classe, ou em caso de ausência por questões de última hora, justificar-se junto ao outro Coordenador(a);
- q) Recorrer ao Coordenador(a) da Escola Dominical a qualquer momento.



#### **XIV - COMPETE A(S) SECRETÁRIA(S) DA ESCOLA:**

- a) Garantir que dominicalmente seja feita a chamada e o levantamento das ofertas;
- b) Fazer o relatório dominical e divulgá-lo;
- c) Conferir, registrar em lugar apropriado e entregar as ofertas à Tesoureira Local;
- d) Registrar em livros próprios os relatórios da Escola Dominical e as Atas do Ministério do Ensino e da Capacitação para a Missão;
- e) Registrar nome e endereços de visitantes;
- f) Guardar e zelar pelos livros, cadernetas e documentos próprios da Escola Dominical;
- g) Cadastrar os alunos(as) da Escola com os respectivos endereços, datas de nascimento e de casamento, quando for o caso;
- h) Distribuir discretamente no início de funcionamento das classes as cadernetas de chamada e 30 minutos após isso recolhê-las.
- i) Recorrer ao Coordenador da Escola Dominical a qualquer momento;

#### **XV - COMPETE A(O) ALUNA(O) DA ESCOLA DOMINICAL:**

- a) Não chegar atrasado;
- b) Preparar-se em oração para cada encontro dominical;
- c) Estudar a lição durante a semana (o horário da Escola Dominical não é para ler a lição, mas para discutir e aprofundar em grupo o que se leu individualmente em casa);
- d) Receber o material (revista) para estudo antecipadamente aos encontros;
- e) Trazer o material (revista) de estudo, sua Bíblia e seu hinário (ferramentas de trabalho do louvor e da edificação);
- f) participar das atividades da classe de estudo, bem como da abertura e do encerramento da Escola Dominical;
- g) Não ficar fora da classe de estudo, pelos corredores, na porta de outras classes, em nenhuma atividade paralela;
- h) Ter sempre em mente que devemos conhecer a Palavra de Deus para descobriremos sua vontade para nós, para nossa Igreja, para nosso mundo;
- i) Saber o nome, conhecer e manter relações fraternais com os outros alunos e alunas da classe, cultivando a prática da visitação e da intercessão mútua;
- j) Acreditar na Escola Dominical e convidar outras pessoas para dela participar;
- l) Ser lúcido, quebrantado, democrático e com espírito de discernimento; desejar crescer enquanto pessoa, colocar-se continuamente nas mãos do Senhor, viver em espírito comunitário enquanto Corpo de Cristo e Povo de Deus; estar sempre aberto para a voz de Deus e sempre disposto para a missão;
- m) Acolher bem a todo visitante, encaminhá-los e estimulá-los a se tornarem alunos(as) da nossa Escola Dominical;
- n) Ler continuamente a Bíblia, refletir sistematicamente sobre sua mensagem, orar sem cessar e estar aberto a ação do Espírito e como Discípulo(a) de Jesus;
- o) Discutir os temas e assuntos de maneira evangélica (ninguém é obrigado a pensar como ninguém), visando o amadurecimento espiritual, a unidade da Igreja e a expansão missionária.

#### **XVI - QUE TIPO DE ALUNO OU ALUNA ESTAMOS QUERENDO FORMAR?**

Segundo Efésios, capítulo 4, queremos alunos e alunas que:

- a) andem de modo digno da vocação (versículo 1);
- b) suportem (sendo suporte) aos outros em amor (v.2);
- c) preservem a unidade (v.3);
- d) ajam com firmeza doutrinária (vs. 6 e 14);
- e) reconheçam o dom e o ministério do outro (v. 7 e 11);
- e) reconheçam o dom e o ministério do outro (v. 7 e 11);
- f) exaltem a soberania de Deus (vs. 8 a 10);
- g) aceitem a pessoa e a obra de Jesus Cristo como padrão de vida e ação (vs.10, 13 e 15);
- h) cresçam em todas as áreas da Vida (v. 15);
- i) ajam em amor, buscando a verdade em tudo, tendo o Senhor Jesus como Cabeça (v. 15);
- j) consolidem a visão e a prática de Corpo (vs 15 e 16), levando todos os ministérios e dons espirituais a cooperar para o crescimento espiritual, comunitário e numérico da comunidade de fé;
- l) exerçam ministérios na Igreja e na comunidade, prestando serviços e testemunhando sua fé.

#### **XVII - AINDA NO REGIMENTO DA ESCOLA DOMINICAL:**

1 - A Superintendente da Escola Dominical deve ser eleita pelo Concílio Local dentre três nomes indicados pelo Ministério do Ensino e Capacitação para a Missão.

2 - O(a)s Secretário(a)s da Escola Dominical é(são) nomeado(a)s pelo Ministério do Ensino e da Capacitação para a Missão a partir de indicação do(a) Superintendente da Escola Dominical;

3 - Os(as) Coordenadores das Classes de Estudo serão indicados(as) pelo Ministério do Ensino e da Capacitação para a Missão, ouvido o Pastor Titular e as respectivas classes (quando for o caso);

4 - A divulgação dos temas para inscrição deverá ser feita com antecedência, e por escrito, com tempo hábil das pessoas se inscreverem. Na divulgação do temas deverão constar nome do tema de estudo, dos coordenadores(as) da classe e local de funcionamento das mesmas.

5 - Poderão ser Coordenadores(as) de classes da Escola Dominical pessoas não cadastradas no Ministério do Ensino e da Capacitação para a Missão, dele participando só no tempo em que estiverem na Coordenação de uma Classe.

6 - Pessoas inscritas no Ministério do Ensino e da Capacitação para a Missão não necessariamente serão Coordenadores(as) de Classe de Estudo, visto que a Escola Dominical é serviço prioritário deste Ministério, mas não exclusivo.

7 - Os(as) Coordenadores(as) de Classe de estudo serão convidados para ministrar por um quadrimestre, podendo ou não terem convite renovado para estarem à frente de outra classe de estudo com o mesmo tema ou da mesma classe com outro tema de estudo, ou em outra classe com outro tema.

8 - Os alunos(as) da Escola Dominical obrigatoriamente terão de cursar a classe referente ao treinamento que será ministrado ao grupo do Ministério no qual está arrolado. Bem como, uma classe de bíblia ou doutrina a cada ano.

9 - Não serão usados materiais que firam a doutrina bíblica e metodista. Nossa prioridade estará em material já produzido pela Imprensa Metodista, pelo Colégio dos Bispos, por instituições e ministérios metodistas comprometidos com a vida, missão e doutrinas metodistas. Também estimularemos a produção de material em nossa Igreja Local. O pastor é o responsável, na Igreja local, pela recomendação ou desrecomendação de material.

10 - O Grupo de Assessoria da Escola Dominical tem a tarefa de propor reciclagem de professores, material pedagógico e sugestões de dinâmicas e recursos metodológicos e audiovisuais. O Grupo de Assessoria terá um Coordenador(a) designado pelo Superintendente da Escola Dominical.

11 - O Conselho de Obreiros, Coordenado pelo(a) Superintendente da Escola Dominical é integrado por ele(a), e o Coordenador do Ministério do Ensino e Capacitação para a Missão, os vice-superintendentes da Escola Dominical, o(a)s Secretário(a)s da Escola Dominical, a(o) Coordenador do Departamento Infantil, o Coordenador do Grupo de Assessoria da Escola Dominical e o Pastor Titular.

12 - O Ministério do Ensino e Capacitação para a Missão, após ouvir o Superintendente e o pastor Titular, nomeará os seguintes obreiros(as):

a - Vice-Superintendente da Escola Dominical, suplente do(a) Superintendente da Escola Dominical;

b - um vice-superintendente específico para cada Escola Dominical Missionária;

c - um Superintendente para Cursos de Capacitação para a Missão;

d - os assessores(as) da Escola Dominical, em número de até 5, com formação específica em áreas como educação, psicologia, administração escolar ou correlatas.

13 - O(a) Diretor(a) de trabalho com Crianças é a pessoa responsável por todo o trabalho de crianças na Igreja Local, portanto deverá obrigatoriamente ocupar a função de vice-superintendente para o Departamento Infantil da Escola Dominical.

OBS: O(a) Diretor(a) de trabalho com Crianças deverá ser eleito pelo Concílio Local após manifestar-se em conformidade com os critérios e condições de trabalho definidas pelo Regimento da Igreja, Regimento da Escola Dominical e o Planejamento desta última.

14 - Passam a ser competência da Diretora Local de Crianças em relação à Escola Dominical, por consequência, as seguintes tarefas:

a) acompanhar e supervisionar todo trabalho realizado com crianças na Igreja Local, particularmente na Sociedade de Crianças, Cultos Infantis e Escola Dominical;

b) nomear equipe de apoio ao trabalho com crianças, após ouvir o Pastor Titular;

c) participar dos encontros do Conselho de Obreiros e do Ministério do Ensino e da Capacitação para a Missão;

d) reunir-se periodicamente para planejamento, avaliação, estudo, troca de experiência, produção de material, etc, com o Pastor Titular, com o Coordenador(a) do Ministério de Ensino e Capacitação para a Missão, com o Superintendente da Escola Dominical e com sua equipe de apoio devendo manter com eles estreitos laços de cooperação, unidade e diálogo.

# **IGREJA METODISTA DE VILA ISABEL**

## **REGIMENTO INTERNO DA ESCOLA DOMINICAL**

### **DA NATUREZA E FINALIDADE**

Art. 1º - A ESCOLA DOMINICAL é a organização da igreja local que reúne pessoas de todas as idades, membros da igreja ou não, para fins de educação cristã e funcionará mediante este Regimento.

Parágrafo único: - Entende-se como OBJETIVO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ: PROPORCIONAR MEIOS para que todas as pessoas se tornem CONSCIENTES DE DEUS, através de sua auto revelação em Jesus Cristo, e que RESPONDAM em fé e amor a fim de que possam saber *quem são* e o que *significa* sua situação humana, CRESCER, como filhos de Deus arraigados na comunidade cristã, *viver* no Espírito de Deus em todas as suas relações, *cumprir* seu discipulado no mundo e *permanecer* na esperança cristã.

### **DAS ATIVIDADES**

Art. 2º - Todas as atividades da Escola Dominical têm como finalidade capacitar homens e mulheres, bíblica e doutrinariamente, para uma vida plena e o exercício dos dons e ministérios.

§ 1º - A principal atividade educativa da Escola Dominical realiza-se aos domingos, por intermédio de departamentos com classes.

§ 2º - O programa das atividades da Escola Dominical deve estar em estreito relacionamento com os Ministérios e Grupos Societários.

§ 3º - Além das competências canônicas da Escola Dominical, inclui-se o exercício das atividades ministeriais de: ação docente, trabalho com crianças, discipulado e capacitação para a missão.

§ 4º - O Ministério da Criança é exercido pelo Departamento Infantil da Escola Dominical, segundo o Regimento da própria Escola Dominical e o previsto no art. 45 do Regimento Interno da Igreja.

### **DA CRIAÇÃO OU EXTINÇÃO**

Art. 3º - A criação ou extinção de Escolas Dominicais é determinada pelo Concílio Local e suas atividades são supervisionadas pela Coordenação Local de Ação Missionária (CLAM).

Art. 4º - Uma Escola Dominical Missionária pode ser fundada onde haja, pelo menos, 10 alunos, agrupados em uma ou mais classes, para se reunirem, dominicalmente, em local determinado.

Parágrafo único: - Na Escola Dominical Missionária as classes têm seu funcionamento e supervisão aos cuidados da Diretoria da Escola Dominical que nomeará um Coordenador para cada Escola Dominical Missionária.

### **DO FUNCIONAMENTO**

Art. 5º - A Escola Dominical funciona por meio de departamentos que se constituem de uma ou mais classes

Parágrafo único: - A subdivisão do departamento em uma ou mais classes deve atender às exigências da pedagogia, dentro dos recursos materiais e humanos que a Escola Dominical possa ter.

Art. 6º - Os departamentos são:

- 1 - INFANTIL
- 2 - MOCIDADE
- 3 - CAPACITAÇÃO BÍBLICO-DOCTRINÁRIA
- 4 - DISCIPULADO

Art. 7º - O DEPARTAMENTO INFANTIL, que também exerce o Ministério Local de Crianças, é composto das classes voltadas para atender e formar os alunos desde o rol do berço até a classe de crianças até 12 anos.

Art. 8º - O DEPARTAMENTO DA MOCIDADE é composto de classe para pré-adolescentes (12 a 14 anos), juvenis (14 a 17 anos) e jovens (18 a 25 anos), esta última funcionando como curso síntese,

nivelamento e reciclagem de tudo que foi ministrado, levando-se em conta os currículos das classes do departamento infantil.

Art. 9º - O DEPARTAMENTO DE CAPACITAÇÃO BÍBLICO-DOCTRINÁRIA é composto por classes que serão formadas periodicamente por grupos de interesse para o estudo de temas específicos, divulgados antecipadamente. Estas classes usarão literatura e material preparado especialmente para o tema a ser estudado e que serão divulgados com antecedência.

Art. 10 - As classes do DEPARTAMENTO DO DISCIPULADO visam atender particularmente as pessoas adultas que chegam para compor a comunidade de fé da Igreja Metodista de Vila Isabel. Podendo também servir de instrumento de aprofundamento bíblico doutrinário e ministerial para pessoas que ainda não encontraram seu ministério.

§ 1º - As classes deste departamento estão sob a supervisão direta dos Pastores da Igreja .

§ 2º - O departamento do Discipulado se divide em 3 classes:

a ) INTEGRAÇÃO - nela são ministrados, cíclica e ininterruptamente, os ensinamentos básicos da fé cristã metodista aos novos convertidos, a partir de 14 anos de idade, e também aos visitantes não evangélicos, maiores de 14 anos. O currículo desta classe é obrigatório as pessoas interessadas em se tornarem membros da Igreja.

b ) DISCIPULADO - esta classe deve preparar o crente (particularmente o recém-convertido) para o testemunho, a evangelização, para a vida eclesial e para os princípios bíblicos de dons e ministérios, ocasião em que deverá descobrir, isto é, identificar o seu dom e iniciar o exercício do Ministério. Fazem parte do currículo desta classe o aprofundamento na doutrina, organização ministerial e documentos da igreja local, tais como o Regimento e o Plano de Ação.

1 - participam desta classe os visitantes evangélicos, os alunos vindo da classe de Integração ou da classe de Jovens.

c ) CAPACITAÇÃO MINISTERIAL - esta classe visa capacitar as pessoas que integram os ministérios para o desenvolvimento de atividades específicas de seus ministérios. Os temas em estudo serão periodicamente oferecidos de acordo com as necessidades da Igreja Local.

1 - participam automaticamente desta classe os integrantes do ministério para o qual o currículo se destina.

## **DA DIRETORIA**

Art. 11 - A diretoria da Escola Dominical é o órgão de planejamento, administração e coordenação das atividades da Escola Dominical e compõe-se do Coordenador, do Vice-Coordenador, dos Coordenadores das Escolas Dominicais Missionárias, dos Diretores de Departamento e do Secretário. Os Pastores são membros "ex-ofício" .

§ 1º - O Coordenador e o Vice-Coordenador são oficiais da igreja e como tal, eleitos pela Coordenação Local de Ação Missionária e homologados pelo Concílio Local.

§ 2º - O Coordenador, em comum acordo com o Pastor Titular, nomeia os Diretores de Departamentos, e o Secretário.

Art. 12 - Compete a Diretoria:

- 1 - reunir-se ao menos uma vez por trimestre, convocado e presidido pelo Coordenador, para programar e avaliar as atividades da Escola Dominical;
- 2 - elaborar projeto de currículo, o plano de atividades e orçamento da Escola Dominical, encaminhando-o a Coordenação Local de Ação Missionária para aprovação e coordenação.
- 3 - fazer observar o uso de literatura metodista para as escolas dominicais;
- 4 - nomear comissões para sondagem e diagnóstico das necessidades de temas de estudo e de novas classes
- 5 - nomear os professores das classes, avaliá-los e substituí-los quando não corresponderem aos compromissos e às expectativas.
- 6 - nomear comissões para planejar e executar programas especiais do Dia da Escola Dominical (3º domingo de setembro) e outras datas do calendário cristão e metodista.
- 7 - determinar os temas a serem estudados e providenciar material audiovisual e didático para as classes

- 8 - Nomear pessoa ou grupo de pessoas para compor a Assessoria Pedagógica aos professores de classe

Art. 13 - Compete ao Coordenador

- 1 - dirigir a Escola Dominical, conforme o planejamento aprovado, dar-lhe orientação e divulgar seu movimento;
- 2 - convocar e presidir as reuniões da diretoria da Escola Dominical;
- 3 - apresentar à Coordenação Local de Ação Missionária os planos de trabalho para a devida aprovação e coordenação;
- 4 - verificar se os serviços da secretaria estão sendo feitos em ordem;
- 5 - verificar se a Escola Dominical está organizada de acordo com o presente regimento;
- 6 - verificar junto ao tesoureiro da igreja se estão sendo recolhidas as ofertas e feitos os pagamentos devidos pela Escola Dominical.
- 7 - relatar ao Concílio Local
- 8 - acompanhar e assessorar os diretores de departamentos, garantindo que o planejamento seja desenvolvido e os objetivos alcançados.
- 9 - acolher os visitantes encaminhando-os para as classes correspondentes.
- 10 - Participar das reuniões da Coordenação Local de Ação Missionária (CLAM).

Art. 14 - Compete ao Vice-Coordenador substituir o Coordenador nas suas ausências ou em seu impedimento, e executar as tarefas que lhe forem por este atribuídas.

Art. 15 - Compete ao Coordenador da Escola Dominical Missionária:

- 1- dirigir a Escola Dominical Missionária conforme o planejamento aprovado;
- 2 - escolher em conjunto com o Coordenador da Escola Dominical e o Pastor o nome dos professores de classes a serem indicados para nomeação da Diretoria da Escola Dominical;
- 3 - participar das reuniões da Diretoria da Escola Dominical relatando e apresentando o planejamento da Escola Dominical Missionária
- 4 - recolher à tesouraria da igreja as ofertas e receber os valores para os pagamentos devidos;
- 5 - acompanhar e assessorar os professores, garantindo que o planejamento seja desenvolvido e os objetivos das lições alcançados;
- 6 - acolher os visitantes encaminhando-os para as classes correspondentes.

Art. 16 - Compete aos diretores de departamento

- 1 - dirigir o departamento de acordo com as resoluções da diretoria
- 2 - acompanhar e assessorar os professores das classes, garantindo que o material didático seja usado e que os objetivos de cada lição sejam desenvolvidos e alcançados.
- 3 - acompanhar o trabalho dos professores de futuras classes para que tenham, obrigatoriamente, com 50 dias de antecedência do início de funcionamento das classes, todo o planejamento do curso a ser desenvolvido e as apostilas prontas antes do seu início.
- 4 - planejar e executar juntamente com seus professores a programação do departamento;
- 5 - participar das reuniões da Diretoria da E.D. relatando verbalmente perante a mesma.
- 6 - encaminhar professores com dificuldades para receberem orientação da Assessoria Pedagógica da E.D., ou quando for o caso, do pastor.
- 7 - colaborar com os professores no preparo de recursos para uso nas classes
- 8 - fazer reuniões periódicas de programação e avaliação com os professores de classes
- 9 - diligenciar para que cada classe de estudo tenha dois professores que trabalharão em equipe a partir e conforme orientação da diretoria.

Art. 17 - Compete ao Secretário da E.D.

- 1 - providenciar para que todos os domingos sejam feitas a chamada e o levantamento das ofertas
- 2 - distribuir no início do funcionamento das classes as cadernetas de chamada e recolhê-las no final
- 3 - conferir, registrar em local apropriado e entregar dominicalmente à Tesouraria Local, o montante das ofertas recebidas.
- 4 - elaborar o relatório dominical e divulgá-lo
- 5 - lavrar em livros próprios os relatórios da E.D. e as atas de reunião da diretoria
- 6 - distribuir o material didático aos professores das classes
- 7 - manter o arquivo de cadastro de visitantes
- 8 - guardar e zelar pelos livros, cadernetas e documentos próprios da ED.

Art. 18 - Compete a Assessoria Pedagógica fazer o acompanhamento didático-pedagógico dos professores de classe, sugerindo dinâmicas de grupo, utilização de material visual, exercícios de aprofundamento e bibliografia de auxílio

## **DOS PROFESSORES DAS CLASSES**

Art. 19 - Os professores das classes são nomeados pela Diretoria da Escola Dominical obrigatoriamente dentre os membros da igreja que demonstrem boa vontade e dons para o ensino.

§ 1º - podem ser designadas pessoas fora do rol de membros da igreja local para promoverem cursos sobre temas específicos.

§ 2º - Cada classe de estudo terá dois professores que trabalharão juntos e serão auxiliados por um secretário de classe que é escolhido pelos alunos da classe.

§ 3º - Os professores das classes serão designados para ministrar por um quadrimestre, podendo ou não terem convite renovado para estarem à frente de outra classe ou da mesma classe com outro tema.

Art. 20 - É dever do professor:

- 1- ter o plano do curso a ser ministrado e material didático com antecedência antes do início do funcionamento de cada curso.
- 2 - buscar ser exemplo de vida cristã em atos e palavras, preparando-se em oração antes de cada encontro dominical
- 3 - utilizar em classe a literatura determinada pela diretoria da E.D. , estudando com dedicação as lições a ensinar;
- 4 - interessar-se pela vida de seus alunos, visando ajudá-los a viver cristãmente em todas as suas experiências, estimulando o estudo da lição durante a semana;
- 5 - preparar um plano de aula com objetivos, metodologia, recursos, bibliografia e avaliação, para cada aula.
- 6 - ensinar através de diferentes métodos, buscando sempre a melhor participação do aluno durante as aulas;
- 7 - participar das reuniões de planejamento e avaliação, relatando verbalmente

Art. 21 - Compete ao secretário da classe

- 1 - cadastrar os alunos registrando os respectivos endereços, datas de nascimentos e de casamento, quando for o caso;
- 2 - receber a caderneta de chamada, registrar as presenças dos alunos e devolver a caderneta dominicalmente.
- 3 - recolher, contar e registrar na caderneta de presença o valor das ofertas da classe, entregando-as junto com a caderneta ao secretário de ED.
- 4 - registrar o nome e endereço dos visitantes.

Art. 22 - Compete ao aluno:

- 1 - Chegar na hora marcada de início da aula,
- 2 - Preparar-se em oração para cada encontro dominical,
- 3 - Estudar a lição durante a semana,
- 4 - Trazer o material (revista) para estudo, sua Bíblia e seu hinário;
- 5 - Participar das atividades de classe de estudo, bem como da abertura e do encerramento
- 6 - Não ficar fora da classe de estudo nem em nenhuma atividade paralela;
- 7 - Saber o nome, conhecer e manter relações fraternais com os outros alunos da classe, cultivando a prática da visitação e da intercessão mútua;
- 8 - Convidar outras pessoas a participar da Escola Dominical e acolher bem os visitantes;
- 9 - Discutir os temas e assuntos de maneira lúcida e democrática, com espírito de discernimento, visando o amadurecimento espiritual, a unidade da Igreja e a expansão missionária.

## **DO MATERIAL DIDÁTICO**

Art. 23 - A literatura de ensino nas classes da Escola Dominical, tanto para os alunos como para os coordenadores de classe, é prioritariamente o material produzido pela Imprensa Metodista, pelo Colégio Episcopal e ministérios metodistas ou pela igreja local.

Parágrafo único: - Todo e qualquer material de origem não metodista deverá ser previamente homologado pela Coordenação Local de Ação Missionária.

## **DOS RECURSOS FINANCEIROS**

Art. 24 - Os recursos financeiros da Escola Dominical são as ofertas levantadas nos domingos, ofertas especiais e dotações de verbas do orçamento unificado da Igreja Local.

## **DISPOSIÇÃO FINAL**

Art. 25 - As alterações deste regimento são feitas mediante proposta de membros da igreja local apresentada à Coordenação Local de Ação Missionária, que a encaminha à próxima reunião do Concílio Local, acompanhada de seu parecer.

§ 1º - A alteração será aprovada se obtiver o voto favorável de pelo menos dois terços dos membros presentes ao Concílio.

§ 2º - O presente Regimento entra em vigor na data de sua provação.

# **PALAVRA DO DEUS DO POVO E DO POVO DE DEUS**

Carlos Mesters

## **1 - LIVRO DA CAMINHADA DO POVO DE DEUS:**

A Bíblia não caiu pronta do céu. Ela surgiu da terra, da vida do povo de Deus. Surgiu como fruto da inspiração divina e do esforço humano.

Quem escreveu foram homens e mulheres como nós. Eles é que pegaram caneta e papel e escreveram o que estava no seu coração. A maior parte deles não tinha consciência de estar falando ou escrevendo a palavra de Deus. Estavam só querendo prestar um serviço aos irmãos em nome de Deus. Eles eram pessoas que faziam parte de uma comunidade, de um povo em formação, onde a fé em Deus e a prática de justiça eram ou deviam ser o eixo de vida.

Preocupados em animar esta fé e em promover esta justiça, eles falavam e argumentavam para instruir os irmãos, para criticar abusos, para denunciar desvios, para lembrar a caminhada já feita e apontar novos rumos. Alguns deles chegaram a escrever, eles mesmos, suas palavras ao povo. Outros nem sabiam escrever. Só sabiam falar e animar a fé pelo seu testemunho. As palavras destes últimos foram transmitidas oralmente, de boca em boca, durante muitos anos. Só bem mais tarde outras pessoas decidiram fixá-las por escrito.

As palavras faladas ou escritas por estes homens e mulheres contribuíram muito para formar e organizar o povo da Deus. Por isso, o povo delas se lembrou e por elas se interessou. Não permitiu que caíssem no esquecimento. Fez questão de distingui-las das palavras e das atitudes de tantos outros que em nada contribuíram para a formação do povo, nem para a animação da fé e nem para a prática da justiça.

Tudo isso não se fez num dia só. Foi um longo processo que durou séculos. Muita gente colaborou. O povo todo se interessou. Ora, a Bíblia foi surgindo do esforço comunitário de toda esta gente. Surgiu aos poucos, misturada com a história do próprio povo de Deus.

Resumindo a gente pode dizer: a Bíblia nasceu da vontade do povo de ser fiel a Deus e a si mesmo; nasceu da preocupação de transmitir aos outros e a nós esta mesma vontade de ser fiel. Eles diziam: "As coisas do passado aconteceram para servir de exemplo, e foram escritas para nossa instrução, para nós que estamos vivendo neste fim dos tempos" (1Co 10:11).

A Bíblia nasceu sem nome e sem rótulo. Só mais tarde, o próprio povo descobriu aí dentro a expressão da vontade de Deus e a presença real da sua Palavra Santa. Deus estava trabalhando e inspirando, desde o começo, mas eles o descobriram só no fim. A gente só conhece totalmente uma flor, depois que o botão se abre e que as pétalas são sensíveis à luz do sol. O botão da Bíblia abriu na ressurreição de Jesus.

## **2 - LIVRO INSPIRADO POR DEUS:**

Como é que um livro que surge da vida e da caminhada do povo pode ser, ao mesmo tempo, a palavra de Deus? Bem, um agricultor resumiu a resposta nesta frase: "Deus fala misturado nas coisas: os olhos da gente percebem só as coisas, mas a fé enxerga Deus que aí nos fala!"

A ação do Espírito de Deus pode ser comparada com a chuva: cai do alto, penetra no chão e acorda a semente que produz a planta (Is 55:10-11). A planta que assim nasce é fruto, ao mesmo tempo, da chuva e do chão, do céu e da terra. A Bíblia é fruto, ao mesmo tempo, do céu e da terra, da ação gratuita de Deus e do esforço suado das pessoas. É a palavra do Deus do povo e do povo de Deus!

A ação do Espírito Santo pode ser comparada com o sol: Seus raios invisíveis esquentam a terra e fazem crescer as plantas de baixo para cima. Pode ser comparada ainda com o vento que não se vê. A Bíblia é fruto do esforço invisível de Deus que moveu os homens e as mulheres a agir, a falar ou a escrever.

Até hoje, quando lemos a Bíblia, o Espírito de Deus nos atinge. Ele nos ajuda a ouvir e a praticar a palavra de Deus. Sem ele não é possível descobrir o sentido que a Bíblia tem para nós (Jo 16:12-13; Jo 14:26). Onde encontrar este Espírito, para que ele esteja conosco na leitura e na interpretação que fazemos da Bíblia?

O Espírito de Deus não se compra nem se vende. Não há dinheiro que o pague! (At 8:20). Ele nem é fruto só de estudo. Não basta a sabedoria humana para entender a mensagem da palavra de Deus (Mt 11:25). O Espírito Santo é um dom que precisa ser pedido na oração (Lc 11:13). Por isso é importante orar antes da leitura e do estudo da Bíblia.

## **3 - A LISTA DOS LIVROS INSPIRADOS:**

Para ter uma ajuda na orientação da sua vontade de ser fiel a Deus e a si mesmo, o povo foi fazendo uma seleção daqueles escritos considerados por todos de grande importância para a sua vida, e que mais o ajudaram na sua caminhada. Assim surgiu uma lista de livros ou de escritos, reconhecidos por todos como sendo a expressão da sua fé, das suas convicções, da sua história, das suas leis, do seu culto, dos seus cantos, da sua missão.

Lidos e relidos nas reuniões e nas celebrações do povo, os livros desta lista foram adquirindo, aos poucos, uma grande autoridade. Eram o patrimônio sagrado do povo, porque lhes revelavam a vontade de Deus. Daí vem a expressão "Escritura Sagrada". Nos livros Deuterocanônicos (livros que só estão no Cânon da Bíblia



grega) está registrado que o povo já considerava os textos como sagrados. Lá está escrito por exemplo: "Temos para consolo os livros sagrados que estão em nossas mãos"(1 Macabeus 12:9 ). Eles usavam estes livros para ter força e coragem na luta (2 Macabeus 8:23).

Para designar a coleção dos textos sagrados o povo antigo usava a palavra grega "cânon". A palavra cânon quer dizer lista ou norma. Os livros canônicos ( reconhecidos e escolhidos pelo povo e pelos sacerdotes para serem usados no culto e para meditação como livros que continham a Palavra de Deus) eram a norma da fé e da vida do povo de Deus. Ora, esta lista de livros sagrados recebeu mais tarde o nome de Bíblia, ou seja, "coleção de livros". Portanto, a Bíblia é o resultado final de uma longa caminhada, fruto da ação de Deus que quer o bem das

pessoas que querem conhecer e praticar a vontade de Deus. Ou seja, a Bíblia é o fruto de um mutirão prolongado do povo que procurava descobrir, praticar, escrever e transmitir aos outros e a nós a Palavra de Deus presente na vida.

## **A BÍBLIA - LIVRO FEITO EM MUTIRÃO**

(Texto de Carlos Mesters, adaptado por Roséte de Andrade)

Na edição passada mencionamos que a Bíblia foi escrita num longo Mutirão pelo povo de Deus. Agora vamos ver de perto alguns aspectos deste longo mutirão que deu origem à Bíblia. Vamos ver quem escreveu a Bíblia, que tipo de pessoas eram, onde eles moravam, em que lugar escreveram a Bíblia, em que época viviam, qual a língua que falavam e usavam, e quais os assuntos que eles mais apreciavam.

### **1 - QUEM ESCREVEU A BÍBLIA?**

Não foi uma única pessoa que escreveu a Bíblia. Muita gente deu a sua contribuição: homens e mulheres; jovens e velhos; pais e mães de família; agricultores, pescadores e operários de várias profissões; gente instruída que sabia ler e escrever e gente simples que só sabia contar histórias: gente viajada e gente que nunca saiu de casa; sacerdotes e profetas, reis e pastores, apóstolos e evangelistas.

Era gente de todas as classes, mas todos convertidos e unidos na mesma preocupação de construir um povo irmão, onde reinassem a fé e a justiça, o amor e a fraternidade, a verdade e a fidelidade, e onde não houvesse opressor nem oprimido.

Todos deram a sua colaboração, cada um do seu jeito. Todos foram professores e alunos uns dos outros. Mas aqui e acolá, a gente ainda percebe que nem sempre foi fácil. Alguns às vezes, puxavam a brasa um pouquinho para o seu lado.

### **2 - QUANDO FOI ESCRITA A BÍBLIA?**

A Bíblia não foi escrita de uma só vez. Levou tempo, muito tempo, mais de mil anos. Começou em torno do ano 1250 antes de Cristo, e o ponto final só foi colocado cem anos depois do nascimento de Jesus.

Aliás, é muito difícil saber exatamente quando foi que começaram a escrever a Bíblia. Pois, antes de ser escrita, a Bíblia foi narrada e contada nas rodas de conversa e nas celebrações do povo. E antes de ser narrada e contada, ela foi vivida por muitas gerações num esforço teimoso de colocar Deus na vida e de organizar a vida de acordo com a justiça.

No começo, o povo não fazia muita distinção entre contar e escrever. O importante era expressar e transmitir aos outros a nova consciência do povo, nascida neles a partir do contato com Deus. Faziam isto lembrando aos filhos a história do passado e contando-lhes os fatos mais importantes da sua caminhada.

Como nós hoje decoramos as letras dos cânticos, assim eles decoravam e transmitiam as histórias, as leis, as profecias, os salmos, os provérbios e tantas outras coisas, que, depois foram escritas na Bíblia.

A Bíblia saiu da memória do povo. Nasceu da preocupação de não esquecer o passado.

### **3 - ONDE FOI ESCRITA A BÍBLIA?**

A Bíblia não foi escrita no mesmo lugar, mas em muitos lugares e países diferentes. A maior parte do Antigo e Novo Testamento foi escrita na Palestina, a terra onde o povo vivia, por onde Jesus andou e onde nasceu a Igreja.

Algumas partes do Antigo Testamento foram escritas na Babilônia, onde o povo viveu no cativeiro, no século sexto antes de Cristo. Outras partes do Antigo Testamento foram escritas no Egito, para onde muita gente tinha imigrado depois do cativeiro.

O Novo Testamento tem partes que foram escritas na Síria, na Ásia Menor, Na Grécia, e na Itália, onde havia muitas comunidades, fundadas ou visitadas pelo Apóstolo Paulo.

Ora, os costumes, a cultura, a religião a situação econômica, social e política de todos estes povos deixaram marcas na Bíblia e tiveram sua influência na maneira de a Bíblia apresentar a mensagem de Deus aos homens.

### **4 - EM QUE LÍNGUA FOI ESCRITA A BÍBLIA?**

A Bíblia não foi escrita numa única língua, mas sim em três línguas diferentes. A maior parte do Antigo Testamento foi escrita em hebraico. Era a língua que se falava na Palestina antes do cativeiro.

Depois do cativeiro, o povo da Palestina começou a falar aramaico. Mas a Bíblia continuava a ser escrita, copiada e lida em hebraico. E assim aconteceu que muita gente já não entendia mais a Escritura Sagrada. Por isso, para que o povo pudesse ter acesso a Bíblia, foram criadas escolinhas em todas as comunidades e povoados. Jesus, quando menino, deve ter freqüentado a escolinha de Nazaré, para aprender o hebraico e assim poder entender a Bíblia.

Só uma parte bem pequena do Antigo Testamento foi escrita em aramaico. Apenas um único livro do Antigo Testamento da Bíblia grega ( que tem 7 livros a mais que a Bíblia hebraica que nós protestantes usamos!), o livro da Sabedoria, foi escrito em grego. O grego era a nova língua do comércio que invadiu o mundo daquele tempo, depois das conquistas de Alexandre Magno, no século quarto antes de Cristo.

Assim, no tempo de Jesus, o povo da Palestina falava o aramaico em casa, usava o hebraico na leitura da Bíblia e o grego no comércio e na política. Neste mesmo tempo de Jesus, ainda não existia os escritos do Novo Testamento. Só existia o Antigo. O Novo Testamento estava sendo vivido e preparado lá em Nazaré.

Aconteceu ainda o seguinte: os judeus que, depois do cativeiro, tinham emigrado da Palestina para o Egito, com a passar dos séculos foram esquecendo a língua materna. Já não entendiam mais o hebraico nem o aramaico. Só entendiam o grego, a língua da Grécia, que era falado até no Egito. Por isso no século terceiro antes de Cristo, um grupo de pessoas resolveu traduzir o Antigo testamento do hebraico para o grego. Foi a primeira tradução da Bíblia. Esta tradução para a língua grega é chamada "Septuaginta" ou "Dos Setenta".

Quando mais tarde, depois da morte e ressurreição de Jesus, os apóstolos saíram da Palestina para pregar o Evangelho aos outros povos que falavam o grego, eles adotaram esta tradução grega dos Setenta e a espalharam pelo mundo.

Na época em que foi feita a tradução grega dos Setenta, a lista (cânon) dos livros sagrados ainda não estava concluída. E assim aconteceu que a lista dos livros desta tradução grega ficou mais comprida do que a lista dos livros da Bíblia hebraica.

Ora, a diferença entre a Bíblia usada nas Igrejas Protestantes e a Bíblia usada nas comunidades católicas vem desta diferença entre a Bíblia hebraica da Palestina e a Bíblia grega do Egito. Os protestantes, a partir da Reforma Protestante do Martinho Lutero em 1517, preferiram a lista mais curta e mais antiga da Bíblia hebraica, e os católicos, permaneceram utilizando a tradição e prática dos Apóstolos: ficaram com a lista mais comprida da tradução grega dos Setenta.

Há sete livros a menos na edição da Bíblia usada pelos protestantes: Tobias, Judite, Baruc, Eclesiástico, Sabedoria, 1 Macabeus e 2 Macabeus ( e também algumas partes do livro de Daniel e algumas partes do livro de Ester). Estes sete livros são chamados "deuterocanônicos", isto é, são da segunda (deutoro) lista (cânon), ou seja, são da coleção (cânon) de Alexandria e não da coleção de Jerusalém.

Reconhecemos que os livros deuterocanônicos não contradizem a Mensagem Divina e servem de instrução e também para o cultivo espiritual. Chamar estes livros de apócrifos é um erro, primeiro porque foram reconhecidos como autênticos e inspirados, tanto pelos apóstolos como pela Igreja de Jesus que, sem exceção, durante muitos séculos os leu e encontrou neles o consolo da mensagem divina. E também porque a palavra apócrifo significa "escritos sem autenticidade ou cuja autenticidade não se provou". Ou seja, apócrifos são na verdade os livros que a Igreja (particularmente os Apóstolos!) rejeitou, por não ver neles a real inspiração de Deus.

Exemplo de livros apócrifos são, o Evangelho de Tomé, que falava dos milagres de Jesus (dizendo, inclusive, que Jesus voava); o Evangelho de Maria, que colocava Maria com poderes divinos, etc...

Apesar dessa diferença de 7 livros, as duas edições revelam claramente a Mensagem de Deus: seu chamado, sua vontade, seu amor, sua missão, sua bênção.

## **5 - O ASSUNTO DA BÍBLIA:**

O assunto da Bíblia não é só doutrina sobre Deus. Lá dentro tem de tudo: doutrina, histórias, provérbios, profecias, cânticos, salmos, lamentações, cartas, sermões, meditações, orações, filosofia, romances, cantos de amor, biografias, genealogias, poesias, parábolas, comparações, tratados, contratos, leis para organizar o povo, leis para o bom funcionamento do culto, coisas alegres e coisas tristes, fatos concretos e narrações simbólicas, coisas do passado, coisas do presente, coisas do futuro. Enfim, na Bíblia tem coisas que dá para rir e para chorar.

Tem trechos da Bíblia que querem comunicar alegria, esperança, coragem e amor. Outros trechos querem denunciar erros, pecados, opressão e injustiças. Tem páginas lá dentro que foram escritas pelo gosto de contar uma bela história para descansar a mente do leitor e provocar nele um sorriso de esperança.

A Bíblia parece um álbum de fotografias. Muitas famílias possuem um álbum assim . Ou, ao menos uma caixa onde guardam suas fotografias, todas misturadas, sem ordem. De vez em quando, os filhos despejam tudo na mesa para olhar e comentar as fotografias. Os pais tem que contar a história de cada uma delas. A Bíblia é um álbum de fotografias da família de Deus! Nas suas reuniões e celebrações, o povo olhava as suas "fotografias", e os pais contavam as histórias. Este era o jeito de integrar os filhos no povo de Deus e de transmitir-lhes a consciência de sua missão e da sua responsabilidade.

A Bíblia não fala só de Deus que vai em busca do seu povo, mas também do povo que vai em busca do seu Deus e que procura realizar-se de acordo com a vontade divina. Ela conta as virtudes e os pecados, os acertos e os enganos, os pontos altos e os pontos baixos. Nada esconde, tudo revela. Conta os fatos do jeito que foram lembrados pelo povo. Histórias de gente pecadora que procura ser santa. História de gente opressora que procura converter-se e ser irmão. História de gente oprimida que procura libertar-se.

A Bíblia é tão variada como é variada a vida do povo. A palavra Bíblia vem do grego e quer dizer livros. A Sagrada Escritura usada por nós evangélicos tem 66 livros. É quase uma biblioteca. Poucas bibliotecas em nossas igrejas têm a variedade dos 66 livros da Bíblia.

## A EUCARISTIA PARA CRIANÇAS

(Anita Betts Way, diaconisa metodista, da Equipe Regional de Trabalho com Crianças)

A proclamação do Evangelho é feita através da Palavra e também dos Sacramentos, por isso se torna imperativo que consideremos a questão do lugar (da participação) da criança na Eucaristia (Ceia do Senhor). Olhando superficialmente, pode parecer para muitos que incluir crianças na Ceia do Senhor é uma afronta à seriedade da fé. "Ora, dirão alguns, não é possível que as crianças entendam o que estão fazendo". No entanto, para outros, excluir as crianças do sacramento da Ceia do Senhor é o mesmo que excluí-las do Reino de Deus. Estas pessoas argumentariam contra a exclusão das crianças dizendo: "As crianças não são as únicas que não entendem os mistérios do Sacramento!"

### UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

O lugar da criança na Eucaristia não é uma inovação recente. O historiador Eugene L. Brand, argumenta que Comunhão para crianças era praticado na Igreja Cristã sem interrupção nos 10 primeiros séculos. De acordo com Brand, a briga sobre comunhão para crianças começou no século XI DC. O assunto centralizava-se na reclamação de que os bebês e crianças muito pequenas se engasgavam quando tentavam engolir o pão! Passou-se então a ser aceita a prática de só oferecer o cálice às crianças. Mas no século XIII surgiu o debate sobre a doutrina de concomitância. Isto levou à prática de, temporariamente, reter ou recusar cálice também, tanto para crianças como para leigos adultos. O debate foi finalmente resolvido pelo 4º Concílio Luterano, em 1215. Deste Concílio da Igreja surgiu a decisão de que a Comunhão deveria ser precedida da confissão e que a confissão deveria ocorrer na "idade de discernimento". Comunhão, então, ficou relacionada diretamente com confissão em vez de batismo. Até então era o batismo que dava acesso à Comunhão, depois dali a confissão dos pecados era que dava acesso à Mesa do Senhor. Como resultado a Comunhão para crianças deixou de ser praticada até depois da Reforma Protestante.

Na época da Reforma, portanto, a prática da Comunhão para crianças tinha sido extinta; era associada com confissão ao invés de batismo. E confirmação (Profissão de Fé) era reconhecida como sacramento. Ou seja, não mais o batismo é que tornava alguém membro do Corpo de Cristo (da Igreja), mas a Profissão de Fé. Isto se tornou uma experiência normativa para se tornar membro da Igreja e para poder ser incluído à Mesa do Senhor. De acordo com Brand, Lutero lutou com estas crenças e práticas da Igreja Romana e finalmente retirou o status de sacramento para a confirmação, mas manteve a ligação entre confissão e comunhão. Desde então, nas diversas denominações que se organizaram a partir da Reforma Protestante, as práticas e pensamentos sobre comunhão para crianças foram reexaminadas, e em muitos casos, os fundadores elegeram voltar ao que eles consideraram como práticas originais da Igreja Primitiva.

### TEOLOGIA DA IGREJA

Brand fez uma pergunta pertinente para a Igreja quanto à questão da Eucaristia para crianças: "Se as crianças são membros da família de Deus através do Batismo, por que não podem juntar-se à Família quando o alimento espiritual é oferecido?". Para Brand a pergunta está claramente baseada na eclesiologia. Qual a natureza da Igreja? Sua resposta é que a Igreja é a família da fé e compõe essa família todos os Batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Portanto, se há batismo, então tem de haver comunhão!

Outro ponto de vista bem semelhante é expresso por William Willimon, um teólogo metodista, que como Brand enfatiza que ser cristão é ser membro da família de Deus. Pelo batismo somos considerados Povo de Deus; "adotados e incorporados à Família de Deus". Ele escreve: "Não existimos como cristãos isolados". Por isso, ser membro da Família é tomar seu lugar nos encontros da Família, tais como as refeições. Willimon diz que a Ceia do Senhor é a marca da unidade e de confraternização. Excluir as crianças da Mesa do Senhor seria quebrar esta unidade. Assim como Brand, Willimon contesta que seria contraditório batizar crianças e decliná-las (tirar-lhes) um lugar à Mesa.

Willimon levanta a questão da criança entender ou não o mistério do sacramento. Realmente, ele argumenta, as crianças não têm uma compreensão completa, mas também os adultos não a têm. Mas a criança sabe o que é ter fome e então ser alimentada, e certamente sabe como sentir-se incluída ou não na Família, na Comunidade do Povo do Senhor. Nestes casos, a criança pode entender a natureza do sacramento.

### CRIANÇAS E LITURGIA

Gail Ramshaw Schmidt, uma escritora contemporânea expressa o caso da Eucaristia para crianças de um ponto de vista de desenvolvimento: "O Batismo como admissão para a Igreja é também admissão para a Mesa do Senhor. Pregar a centralidade da Eucaristia enquanto se nega a participação das crianças na Mesa do Senhor, é ignorar o que os psicólogos estão notando mais do que nunca: que durante os primeiros anos da vida de alguém são formadas as mais profundas e permanentes atitudes sobre a vida... Não há melhor maneira de incluir as crianças na comunidade do que pela liturgia (o culto) e a Deus do que pela prática da Comunhão". De um ponto de vista litúrgico similar, John Westerhoff escreve: "A Igreja não pode viver em rituais que dividem gerações como se não tivessem nada em comum. Nós não podemos aceitar a separação das crianças, jovens e adultos para seus rituais peculiares. Comunidade é o dom de rituais compartilhados... Quando permitimos que nossos ritos de comunidade só atinjam a uma idade em particular, todos sofrem. A norma para o ritual comunitário da igreja é a Ceia do Senhor ou Eucaristia, que pela própria natureza inclui a todos."

Além do que se pode dizer acerca da teologia da igreja, da natureza do sacramento, da compreensão do desenvolvimento da criança ou da função da liturgia, Willimon expressa-se dizendo que "às vezes parece que quanto mais velho eu fico, menos eu entendo sobre o mistério da presença amorosa de Deus em nosso meio. Apesar de eu ser adulto, não me pergunte porque Deus ama crianças desgarradas como nós; ou como um grupo de pessoas tão diferentes como nós somos, formamos o Corpo de Cristo; ou ainda, porque 'onde dois ou três estão reunidos' ele está ali... Mas eu sei que estas experiências sagradas e profundas vieram a mim primeiro quando eu era criança: frutos de uma vida iniciada numa família e igreja amorosa e inclusiva. Meus encontros com Deus começaram primeiro por ser incluído no culto. Admito que durante os muitos anos, o significado destas experiências da meninice têm se aprofundado para mim. Mas como adulto, não devo jamais esquecer como tudo começou, e devo procurar maneiras de fazer essas idéias e experiências acessíveis também aos pequeninos que vêm até mim."

### IDÉIAS E HISTÓRIAS QUE PODERÃO AJUDAR

Quando a criança nasce faz parte de uma família e recebe o nome desta família. A criança não tem escolha. Também ao ser batizada, o pastor(a) na autoridade de ministro do Evangelho dá um nome à criança: a criança ou bebê batizado em nome do Pai, Filho e Espírito Santo recebe o nome "Cristão". Este batismo e este nome a fazem ser reconhecida como parte da Família da fé, da Igreja, do Reino de Deus. A criança não escolheu isto: na Igreja Metodista os pais têm o dever de batizar seus filhos(as)! O batismo é o primeiro sacramento que a criança experimenta. Compete aos pais, padrinhos (testemunhas de batismo!) e membros da Igreja, acolher a criança batizada, acompanhar e orientar seu crescimento no conhecimento e no amor de Deus. Durante o batismo os pais prometem que farão tudo para que a criança aprenda sobre o amor e a salvação de Deus e sobre tudo o que Cristo fez por ela. Os padrinhos também fazem esse voto diante de Deus. E a congregação também.

Quando há batizados na nossa Igreja podemos aproveitar a oportunidade para falar com crianças da nossa alegria quando uma criança nasce, que gostamos de agradecer a Deus pela vida delas e que delas é o Reino de Deus. No momento em que uma criança é batizada podemos convidar os outros irmãos dela para virem até ao altar também, visto que eles são da família e mostrando que foi assim que eles também foram batizados, mesmo sem entender o que estava acontecendo.

Devemos tomar o batismo que é admissão para a igreja também como admissão para a Mesa do Senhor. A falta de entendimento das crianças é antes um desafio missionário e educacional para a igreja, e jamais (por limitação, excesso de zelo ou comodismo e falta de fé, de serviço e de boa vontade de nossa parte), motivo para exclusão e discriminação. O próprio Jesus disse aos discípulos acerca das crianças: "Não as impeçais!" A ênfase no batismo de crianças deverá ser feita a partir da passagem bíblica de I Pedro 2:9-10. "Vós porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus."

### EUCARISTIA

Algumas pessoas podem achar que a participação de crianças na Mesa do Senhor é uma afronta a seriedade do ato! "Pois as crianças, repetem essas pessoas, não entendem o que estão fazendo!" Mas se elas não entendem, podem passar a entender... Não é porque as crianças não sabem ler que nós devemos lher afastar da Bíblia ou que não devemos ler com elas os textos bíblicos! A Ceia como um ato de lembrança (memorial) da refeição que Jesus tomou com seus discípulos pode ser entendida. A criança a quem é recusado o alimento sabe bem o que é ter fome, e sabe também muito bem o que é ser rejeitada pelo outros. Como podemos lher negar o pão e vinho e excluí-las da comunhão com a Família?

Não é preciso esperar que a criança chegue ao "uso da razão" para ensiná-la acerca deste assunto. O tempo é agora: ensina a criança no caminho em que deve andar e mais tarde ela não se desviará dele... Para crianças pré-escolares podemos falar sobre como Jesus e seus discípulos deviam se sentir alegres ao tomarem uma refeição juntos. Para crianças maiores já podemos explicar que Jesus pediu que tomássemos o pão e o vinho para que lembrássemos de sua paixão e morte.

Em certa Igreja Igreja, por exemplo, planeja-se um almoço para a congregação. O Pastor(a) fala de como é bom estarmos reunidos em volta da mesa participando desta refeição juntos. É tão bom! É uma ocasião muito especial e alegre. E então podemos ser lembrados de que Jesus também tomou refeições com os seus discípulos e que, certamente, eram ocasiões de alegria estarem ali juntos, conversando, aprendendo do Mestre. Também pode ser lembrada a Última Ceia quando eles comeram pão e vinho ( nossa Igreja geralmente usa suco de uva que é o vinho ainda não fermentado!). Lembrar do pedido de Jesus para que fizessem isto pra se lembrarem dele.

Este tipo de experiência oferece oportunidades da criança sentir o amor da igreja e entender prática e a participação na Ceia do Senhor como uma celebração que os cristãos fazem para lembrar de Jesus. Assim, o Pastor(a) ao oferecer o pão e o vinho por ocasião da celebração da Ceia do Senhor, fala a cada criança: "Quando você comer isto, lembre-se que Deus te ama".

### LIVROS CONSULTADOS:

- .CHILDREN, CHILDREN! A ministry without boundaries - Dorlis Brown Glass.
- .HELPING YOUR CHILD DISCOVER FAITH - Delia Touchton Halverson.
- .THE CHILDREN, YES! - Philip W. McLarty.
- .REMEMBER WHO YOU ARE: Baptism, a model for Christian Life - Willian H. Willimon.

# **A EUCARISTIA OU CEIA DO SENHOR**

(Texto adaptado de Nilo Belotto, Duncan Reily e Ely Éser Barreto)

## **1 – OS SACRAMENTOS:**

As Igrejas protestantes reconhecem dois Sacramentos: o Batismo e a Ceia do Senhor ou Eucaristia. Eles tornam visíveis a graça invisível de nosso Deus.

A Igreja Católica, além da Eucaristia e Batismo, reconhece outros cinco sacramentos, a saber: Perdão ou Absolição ou Reconciliação, Confirmação ou Profissão de Fé, Unção dos Enfermos, Matrimônio e o Sacerdócio.

Sacramento é sinal. Sinal que foi instituído e recomendado por Jesus Cristo (Lc 22:19 e Mt 28:19). Sinal do amor de Deus pela humanidade. Quando damos um presente a quem amamos o presente não é o amor, mas um sinal, uma manifestação. E a pessoa que recebe o presente sabe que, escondido nele, está todo o amor que você tem por ela. Os sacramentos da Ceia do Senhor ou Batismo são sinais visíveis de uma bênção invisível. O Batismo é o sacramento iniciatório que nos faz entrar na aliança com Deus. Nele celebramos nosso nascimento para o Reino; somos então Igreja e povo de Deus. Na Ceia celebramos a morte e a ressurreição de Jesus. O pão simboliza o corpo de Cristo (Mt 26:26) e o vinho simboliza o sangue de Cristo (Mt 26:27). Participar de sua Mesa significa participar de seu ministério de reconciliação e de seu Reino.

## **2 - A EUCARISTIA OU CEIA DO SENHOR:**

A pregação é a palavra de Deus interpretada para a congregação. A pregação é um ato indispensável na estrutura do culto mas não é o seu ponto culminante, como pretendem alguns. Não se deve ir ao culto apenas para ouvir o pregador(a) ou pra prestigiá-lo(a), como se o culto estivesse restrito à pregação. Deve haver um equilíbrio entre a palavra pregada e os sacramentos, pois o culto cristão hoje, não deve deixar que a palavra do homem seja fundamental, mesmo evidenciando a ação do Espírito que a torna Palavra de Deus. Entretanto, a Palavra de Deus é entendida mais claramente se a mesma for vinculada à Eucaristia ou Ceia do Senhor. Ela estabelece uma ligação entre a Igreja e o futuro e a pregação liga-a ao presente.

De acordo com o Novo Testamento a Ceia do Senhor foi o ponto culminante no culto dos primeiros cristãos, que se reuniam para ouvir a Palavra e partir o pão. Através da Ceia os discípulos e os primeiros cristãos perseveravam na doutrina dos apóstolos (At 2:42). A Ceia era celebrada regularmente, no domingo. Havia um vínculo entre o dia do Senhor e o partir o pão.

Algumas testemunhas antigas, como Plínio, governador da Bitínia, afirmaram que os cristãos, além do culto da Palavra, incluíam no seu culto, uma refeição, a Santa Ceia. Os membros da Igreja primitiva participavam dominicalmente da Ceia do Senhor. A Ceia do Senhor atualiza a dádiva de Cristo dando-se a si mesmo para a salvação dos homens, das mulheres. Por isso, o culto não é completo sem a Santa Ceia. Ela é necessária ao culto porque foi instituída por Cristo que ordenou a Igreja sua celebração (1Co 11:23-26). Porém, nem toda reunião realizada na Igreja deve incluir a Ceia. Isso se aplica especialmente a reuniões evangelizantes e outras que envolvem pessoas não crentes. Deve ser lembrado que a participação na Ceia do Senhor é privilégio oferecido àqueles que professam a fé e são batizados, tão somente.

A Ceia do Senhor deve se realizar de forma a integrar o povo totalmente. Por esse motivo, muitas Igrejas estão eliminando qualquer impecilho que separe a comunidade da comunhão, dando acesso direto às pessoas a uma mesa ampla onde o pão e o vinho são oferecidos. Na Ceia do Senhor os cristãos devem se comunicar uns com os outros, falando sobre seus problemas, suas angústias e também, suas alegrias. O culto e a comunhão são verdadeiras festas que devem refletir a ressurreição e a presença de Cristo, aqui e agora. Portanto, as pessoas não devem se dirigir para a mesa de comunhão, tristes, com olhos baixos. Não, ali se celebra a vitória de Cristo sobre o pecado, sobre a morte e sobre as limitações humanas.

Na Ceia do Senhor e no culto deve-se demonstrar alegria porque o Senhor nos recebe. Ele é o dono, o Senhor do banquete, quem parte o pão. É pela presença de seu Espírito entre nós que o culto é um momento de júbilo, pois ele atualiza a salvação renovando a presença de Cristo no nosso momento e no nosso tempo.

A participação de todos deve ser a mais criativa possível. O ministro(a), ou aquele(a) que dirige o culto, deve fazer com que a realidade da vida, do dia-a-dia, participe desse evento, e que a congregação não deixe de lado os problemas que a afligem. Existe um cântico cuja letra diz: "Ao orarmos, Senhor, vem encher-nos com teu amor, para o mundo agitado esquecer, cada dia viver teu querer". Mas em nossa oração, no culto e também na Ceia não deve ser este o nosso espírito! Ao invés de esquecimento, tenhamos o espírito e o compromisso de missão, de transformação do mundo agitado. Por isso devemos cantar: "Ao orarmos, Senhor, vem encher-nos com teu amor pra no mundo agitado podermos, cada dia viver Teu querer".

Quando Cristo instituiu a Ceia do Senhor fez menção daquilo que lhe estava acontecendo: a traição, a vitória da cruz que se aproximava, a promessa do futuro. Por isso ao participarmos da Ceia do Senhor devemos trazer ao altar de Deus a realidade da vida. Essa realidade dá uma dimensão nova ao culto ao ser compartilhada entre os presentes e ao procurar-se o perdão, a renovação, a graça, o alimento, que permite continuar a proclamar Boa Nova para os que ainda não a conhecem.

O enfoque do sacramento da Ceia do Senhor é a morte e ressurreição de Cristo e, conseqüentemente, a morte e ressurreição de todo aquele(a) que participa da Mesa do Senhor. Isto significa que aquele que vai participar da morte de Cristo morre para o pecado e ressuscita numa nova vida em Cristo.

Os primeiros cristãos celebravam o culto e a Ceia do Senhor no domingo, dia da ressurreição de Jesus. Podemos dizer que eles celebravam a morte de Jesus no dia de sua ressurreição. O centro da eucaristia é a celebração da vida, portanto, a alegria deve estar presente, porque o Senhor venceu o pecado e a morte, e está vivo, presidindo este sacramento, oferecendo na qualidade de Anfitrião da Mesa da Eucaristia, o alimento que assinala o fato de pertencermos à Nova Aliança, ao novo mundo, ao Reino. Por isto, a Ceia do Senhor é uma celebração de toda a comunidade beneficiada pelo novo pacto, a saber, todos os batizados.

A Ceia do Senhor tem uma dimensão que aponta para o passado, quando Jesus diz: "Fazei isto em memória de mim". A vida de Cristo é lembrada e atualizada na dimensão presente quando o cristão participa do amor, da graça e da comunhão com seus irmãos e irmãs. Não se pode chamar de Ceia do Senhor as celebrações onde se repartem o pão e o vinho mas não há comunhão e solidariedade. Não existe Ceia do Senhor sem comunhão ou fraternidade, que nasce do aceitar o outro, do perdão, da solidariedade e da vida comunitária no temor do Senhor. Por isso, é necessário antes de sua celebração um momento de confissão e de conciliação para o cristão confessar os seus pecados e limitações e também para perdoar os seus semelhantes.

A Ceia do Senhor tem, uma dimensão também do futuro, pois, ao celebrá-la com seus discípulos(as), Jesus disse: "porque vos digo que já não beberei do fruto da vida até que venha o Reino de Deus" (Lc 22:18). Aí, o futuro invade o presente e o presente é içado para o futuro (para a plenitude do Reino de Deus que aos poucos surge em meio a comunidade humana), porque fomos admitidos à nova aliança do Reino. Celebramos assim nossa condição de herdeiros de um mundo novo.

Deve-se iniciar a celebração da Ceia do Senhor com a invocação do Espírito para que, por sua graça, aquele ato comum de vida se transforme não em algo mágico, mas numa participação real na vida de Jesus. Também é importante a repetição das palavras de Jesus que instituíram a Ceia para que elas confirmem a garantia de que estamos celebrando a Nova Aliança, o Evangelho, a vida.

Portanto, a Eucaristia é um convite de Cristo à comunhão, à nova vida, à participação no Reino de Deus. O Espírito invocado atualizará, através dela, a morte e a ressurreição de Cristo em nosso favor. É por causa desta morte e desta ressurreição que Deus estabeleceu a Nova Aliança com homens e mulheres. Neste evento, os hinos e as orações devem refletir a alegria da ressurreição de Cristo. Participando da morte através do pão e do Reino através do cálice, somos enviados para o mundo afim de, com nossa vida e trabalho, podermos testemunhar nossa fé e o amor do Senhor e Salvador Jesus.

# **A MENSAGEM PASCAL DA IGREJA**

Bispo Paulo Lockmann

## **1 - A IMPORTÂNCIA DO TEMA:**

O primeiro tema teológico a ser por nós considerado, é a pregação, o ensino e os escritos feitos pela Igreja Primitiva acerca da mensagem da Paixão e Ressurreição de Jesus, ou simplesmente Mensagem Pascal. Ao lermos os Evangelhos (principalmente Mateus, Marcos e Lucas) fazemos uma leitura que começa com os relatos do nascimento de Jesus, passando pelo ministério de Jesus, até sua prisão, morte e ressurreição. Este roteiro, embora cronológico, não é teologicamente correto. Por quê? Bem, porque, na verdade, os evangelhos foram escritos começando da paixão e ressurreição, passando pelo ministério de Jesus, e em último lugar as histórias do nascimento e infância de Jesus.

Para entender melhor as minhas informações acima, vejamos quais são os textos mais antigos do Novo Testamento: são os escritos paulinos (isso é reconhecido pela maioria dos estudiosos da Bíblia!). Entre os escritos de Paulo, a primeira carta aos Tessalonicenses é o texto do Novo Testamento mais antigo que possuímos, e foi escrito por volta do ano 48/49. Já dentre os Evangelhos, o que foi escrito primeiro foi o de Marcos, escrito por volta dos anos 70. A seguir Mateus e Lucas em torno dos anos 80. E finalmente o evangelho de João escrito no início dos anos 90. Além desses evangelhos, haviam outros manuscritos com testemunhos da paixão e ressurreição de Jesus e outros relatos, no final dos anos 40, e que serviram de base aos autores dos evangelhos e à pregação e ao ensino da Igreja Primitiva. Infelizmente estes testemunhos e mensagens escritas bem antes dos evangelhos que conhecemos não foram preservados. Sabemos que existiram, porque há referências a eles em Lc 1:2 e também em Paulo em 1Co 15:1-5.

Também devemos nos dar conta de que a maior prova de que os relatos sobre a paixão de Jesus foram os primeiros escritos dos evangelhos está nos textos antigos de Paulo. Pois, como vimos, as cartas de Paulo são os documentos mais antigos que nós conhecemos e Paulo quando se reporta à vida de Jesus raramente o faz mencionando o Ministério de Jesus e nunca fez referência a história do nascimento de Jesus. Na verdade, Paulo trabalha com os relatos em torno da Paixão e Ressurreição de Jesus. Vejamos os textos.

1 - Em 1Co 11:23-26 está o relato da última ceia, e como texto mais antigo que os próprios Evangelhos, temos então aqui o mais antigo registro das palavras de Jesus durante a última ceia. Podemos dizer que este texto existia cerca de 15 anos antes do texto de Marcos ser escrito.

2 - Em 1Co 15:1-11 Paulo está ensinando sobre a ressurreição e menciona que estava transmitindo a tradição que ele mesmo recebera, ou seja: "... Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras..." (1Co 15:3-4). Tradição que se reporta às palavras de Jesus sobre sua morte e ressurreição, e que após o Pentecostes, mesmo antes de ser escrita, passou a constituir o centro da pregação da Igreja nascente.

## **2 - CONTEÚDO ESSENCIAL DA MENSAGEM PASCAL DA IGREJA:**

### **2.1 - Mensagem Pascal de Paulo**

Sem dúvida a morte na Cruz e a Ressurreição de Jesus são o centro da pregação e teologia de Paulo. E é deste tema central e decisivo ("pois se Cristo não ressuscitou é vã a nossa fé!") dependem muitos outros conceitos teológicos e orientações pastorais do Apóstolo Paulo. Na verdade, não se pode entender Paulo fora da mensagem Pascal, pois é a partir da morte e ressurreição de Jesus que Paulo forja sua cristologia (apresenta-nos quem é Jesus), soteriologia (ensina-nos acerca da salvação), eclesiologia (fala da igreja), antropologia (do ser humano), teologia (da Palavra de Deus e da fé), escatologia (dos tempos, finais dos tempos, e do cumprimento do Plano de Deus), etc...

Começando com uma atração forte pela cruz, Paulo chega à ressurreição como uma mediação já escatológica. A morte de Jesus é de tal maneira importante que Paulo mostra ser necessário morrerem com Cristo, para com Ele ressuscitarmos (Rm 6:5). Por isso a morte de Jesus é expiatória, porque na sua morte morre nosso "velho homem" (Rm 6:6); ali são expiados nossos pecados. A Cruz para o Apóstolo Paulo é de um impacto tão grande que ele a chama de símbolo do poder de Deus (1Co 1:18) para os salvos, visto que para os judeus é escândalo e para os gregos loucura (1Co 1:23).

A morte de Cristo, além de ser expiatória, é um testemunho de amor. Paulo afirma que morte de Cristo é prova do amor de Deus por nós (Rm 5:8). A morte de Cristo é também um ato de humildade. No famoso hino cristológico registrado em Fl 2:5-11 Paulo afirma que Cristo humilhou-se até a morte, e morte de cruz. A morte é para Paulo uma consequência do pecado; o binômio pecado e morte têm em Paulo a resposta salvífica trazida por Cristo: Vida e Ressurreição (Rm 6:23). A morte é, também, o último inimigo a ser vencido, o grande adversário do ser humano (1Co 15:55). Morte e ressurreição estão definitivamente unidas no pensamento e ensino de Paulo. São parte de uma só verdade, ou seja, que Jesus morreu pelos nossos pecados, mas ressuscitou. Por isso sabemos que Deus estava com Ele; assim "... se já morrerem com Cristo, cremos que com Ele viveremos..." (Rm 6:8).

A ressurreição é o testemunho do poder de Deus sobre a morte. Em Paulo a ressurreição dá sentido e explica o sacrifício. Paulo chega a afirmar que se Cristo não ressuscitou é vã a nossa fé e permanecemos em nossos pecados, ou seja, se não houvesse a ressurreição a morte sacrificial de Cristo teria sido inútil (1Co 15:14-17). A ressurreição é também, em Paulo, um tema escatológico, pois o Cristo ressuscitado é o primogênito da antiga e da nova criação, da nova ordem do Reino de Deus escatológico, onde tudo é reconciliado em um novo céu e



uma nova terra (Cl 1:15-20). De certo modo, para Paulo, a nova vida em Cristo já é uma vida ressuscitada (Cl 2:12), sempre no sentido de uma vida vivificada e vitoriosa sobre o pecado (Rm 8:11).

Assim, a Ceia do Senhor é o grande confronto pascal, pois a semelhança da Páscoa Judaica temos o nosso Cordeiro, o Senhor Jesus (1Co 5:7). Também na Ceia há um memorial onde está posto o próprio juízo escatológico: "... todas as vezes que comerdes este pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha..." (1Co 11:26). Mas na Ceia está posto também o confronto da conversão permanente diante do sacrifício de Cristo: "...examine-se o homem a si mesmo..." (1Co 11:28). O sacrifício de Cristo simbolizado na Mesa do Senhor é um ato que não admite neutralidade: ou comemos meio de graça e perdão ou comemos condenação e juízo para nós mesmos (1Co 11:29). É importante sublinhar que na Ceia do Senhor há uma experiência profundamente comunitária (como aliás, é toda a mensagem pascal, construída que é por Deus na experiência da caminhada de seu povo): A Mesa do Senhor é acima de tudo uma obra de mutirão de fé, onde todos participam dela, e de algum modo todos a produzem e pela graça de Deus, todos dela devem comer. Ninguém pode ser discriminado (11:17-22).

## **2.2 - A Mensagem Pascal em João.**

No prólogo do Evangelho de João o tema da paixão já enuncia nas expressões: "...mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o conheceram..." (Jo 1:10-11). Há uma visão profética da rejeição do Messias, mesmo diante das evidências dos sinais que ele realizaria (Jo 1:48; Jo 2:11; Jo 2:23). Após a purificação do templo é anunciada por João a ressurreição em um paralelo com o tema do templo. Alguns percebem nisto uma alusão à substituição do culto centrado no templo para o culto em Espírito e em Verdade que Jesus vai anunciar à mulher samaritana no capítulo 4:23.

Após o diálogo com Nicodemos, outra figura comparativa com o Antigo Testamento é usada: Jesus se identifica com a serpente levantada no deserto, pois seu levantamento na cruz será fonte de salvação como foi a serpente no deserto (Jo 3:14; Nm 21:9). A primeira alusão direta à morte de Jesus se dá após a cura do paralisado do poço de Betesda. Os judeus se revoltaram porque a cura se deu num sábado. Além disto, Jesus se refere a Deus como Pai. Tudo isso fez com que eles tramassem a morte de Jesus (Jo 5:18). O Messias profeta é rejeitado pelo seu próprio povo conforme enunciava o prólogo. Assim durante todo o Evangelho o confronto de Jesus com os principais dos Judeus (leia-se Saduceus e Fariseus) vai se multiplicando, não restando outro final senão a morte do Messias.

## **2.3 - A Mensagem Pascal nos Evangelhos Sinóticos**

Para considerar a mensagem pascal da Igreja Primitiva através dos Evangelhos Sinóticos (Marcos, Lucas, Mateus) devemos primeiramente sublinhar que, embora os Sinóticos tenham um roteiro narrativo semelhante, eles têm ênfases teológicas diferentes. A razão é a diversidade das comunidades que produziram o texto de cada evangelho junto com cada um dos autores e também a especificidade dos destinatários, ou seja, a quem os Evangelhos eram dirigidos.

Vamos, portanto, considerar a mensagem pascal dos Sinóticos à luz do texto mais central, que é a Última Ceia. Para isso, vamos seguir inicialmente o texto de Mateus. Faremos algumas considerações e a seguir faremos um estudo teológico na narrativa de Lucas. Sempre preservando as referências dos paralelos (textos semelhantes), tanto em Marcos como em Mateus.

"No primeiro dia dos asmos (pães asmos ou ázimos)...". O primeiro dia em que se comia pão sem fermento (Ex 12:1; 23:14) era normalmente o dia que antecedia a ceia da Páscoa (na verdade, esta cronologia é muito livre nos sinóticos). Mas é preciso registrar que na mente dos autores dos Evangelhos, o que importava era a mensagem, até porque eles estavam escrevendo uma pregação aos novos convertidos. Assim, o que mais tem sido aceito é que a Ceia ocorreu na sexta-feira como era o costume dos Judeus e até porque Jesus não sabia se seria possível a ele celebrá-la no dia seguinte, pois tinha consciência de sua iminente prisão e morte, o que de fato acabou ocorrendo.

A experiência da refeição pascal serviu de espaço para a formação e transmissão de uma tradição libertadora. Na Páscoa judaica a comunidade reunida em torno da mesa recordava a experiência da libertação da escravidão no Egito e da Aliança de Deus com o povo em prol de uma nova vida numa terra rica e abençoada. A Última Ceia também é espaço de transmissão da tradição e fortalecimento para a luta: um memorial da vitória da vida.

O sentar juntos, comer e compartilhar era e continua sendo um lugar qualitativamente importante e vital na manifestação da vida que vem de Deus. Nestes momentos comunitários, Deus se agrada, e segue agradando-se e fazendo sua presença ser sentida. Nestes momentos crescem o compromisso e a solidariedade na luta pela justiça e pelo Reino de Deus. Por isso as forças que conspiram contra o povo e contra a vida acabam vendo uma tradição subversiva aos seus propósitos de opressão e morte nesta prática do povo de Deus reunir-se ao redor da Mesa e da Páscoa, no compartilhar do pão, no repartir dos problemas, no ajudar-se mutuamente, no caminhar de mão dadas. A partir daí é que se evidencia a força da refeição pascal como geradora de tradições e criadora de laços de compromisso libertador no meio do povo. Contrariando assim uma linha de interpretação que tenta transformar a Eucaristia tão somente numa celebração expiatória (apenas uma lembrança sofrida da morte de Cristo!) onde a memória da subversão das ordens históricas e econômicas é aprisionada e tornada inofensiva.

A primeira ordem histórica subvertida foi a do Egito com sua sociedade escravagista. Lá, Deus desestabiliza a sociedade, libertando Israel do jugo do Faraó. A refeição pascal vai a cada celebração atualizando isso: é preciso lembrar o quanto era ruim, é preciso lembrar dos compromissos assumidos. A segunda ordem é toda a sociedade humana de todos os tempos e culturas: Deus em Jesus Cristo indo ao encontro dos pobres, marginalizados e pecadores. Jesus, por exemplo, questiona a sociedade na qual viveu, a qual, através do sistema de pureza, estabeleceu uma elite dominante. Essa elite dos judeus fez aliança com um rei usurpador (Herodes) e com o imperialismo estrangeiro de Roma. Esses são os poderes que Jesus e seus discípulos ameaçam e por isso são perseguidos.

Um dos principais questionamentos de Jesus se dá em relação ao Templo e ao poder nele organizado. A classe sacerdotal e seus aliados haviam neutralizado a força libertadora da celebração da Páscoa, conforme Lc 19:39 (Aliás, os profetas de Deus foram mortos por denunciarem esse afastamento do sentido libertador da Páscoa, e o que isso causava em Israel: corrupção, violência, intolerância e idolatria). Não é gratuitamente que pedem que Jesus cale a boca do povo por ocasião da entrada em Jerusalém. Mais uma vez tentavam esvaziar a esperança e a memória de libertação contida no acontecimento pascal, em favor da preservação de um culto vazio e de uma falsa segurança.

Como fez através dos profetas tantas vezes na história de Israel, Deus em Jesus volta a reunir os pobres, os deserdados, os excluídos, etc. Restabelecendo, desse modo, na Eucaristia, o ideal de libertação. De que modo tudo isso se dá? São muitas as possibilidades de estudo e reflexão, mas gostaríamos de nos deter no estudo da Eucaristia de Lc 22:14-23.

#### **a) Celebrar a Páscoa como Ação de Graça**

*"E tomando o cálice, e havendo dado graças disse: Tomai-o e reparti-o entre vós" (Lc 22:17).*

A refeição de Jesus com os discípulos foi uma refeição pascal. Lucas segue de perto o ritual da celebração da Páscoa judaica. Nela o chefe da família ou grupo erguia o primeiro cálice de vinho e pronunciava a seguinte fórmula de ação de graça: "Louvado sejas Tu, Javé nosso Deus, Rei do mundo, que criaste o fruto da videira". Certamente Jesus deve ter feito o mesmo. A pergunta que se coloca é: Qual é a importância desse ato de ação de graça? Respondo: Importância vital! Aqui se recoloca corretamente a quem se deve prestar culto; a quem pertence a terra, bem como a videira e seu fruto. Estas questões carregam uma atualidade permanente.

No Egito, o Faraó ficou muito indignado pelo fato de o povo de Israel querer celebrar a um Deus desconhecido no deserto ao invés de prestar culto a ele, Faraó. Mas o motivo da indignação do Faraó tem uma base econômica também, principalmente quando sabemos ter sido os escravos israelitas, entre outros, a "mão-de-obra" barata daquele tempo. Mão-de-obra escrava colocada a serviço das grandes construções do Faraó. A reação do Faraó é típica dos que não querem perder o controle sobre o povo. Pois pretendem manter o povo como escravo ou mão-de-obra barata.

Do mesmo modo, hoje, os grandes fazendeiros ou empresas agrícolas julgam-se donos da terra. E querem ser reconhecidos pelo povo como tal. Não reconhecem e se recusam a aceitar que este povo, ao fazer a terra produzir, regando-a com seu suor, torna-se o legítimo dono do fruto que ela produz. A Bíblia mesmo afirma que a terra é de Deus (Lv 25; Sl 24:1) e que Deus a dá a todos os homens e mulheres para que nela trabalhem e dela sobrevivam.

Tem de ficar claro para nós que Ação de Graça é afirmação do senhorio de Deus. Deus que veio dar vida abundante e condições de vida a todo o povo, mesmo que para isso se coloque contra outros falsos senhores, desmascarando-lhes o falso poder e libertando o povo. São implicações que estão presentes no ato de levantar o cálice de ação de graça, a Eucaristia.

#### **b) Eucaristia como Comunhão:**

*"Tomai-o e reparti-o entre vós" (Lc22:30)*

Um dos elementos fundamentais na experiência da Eucaristia é o seu caráter de comunhão, onde expressões como perdão, fé, amor e justiça entres outros, adquirem um significado profundamente humano e divino. Criam-se elos profundos de compromissos entre as pessoas e misteriosamente nos tornando o Corpo de Cristo e membros um dos outros. Apoiando e sendo apoiados, tudo numa só caminhada.

Uma das características marcantes dos movimentos de restauração do verdadeiro Israel, e de sua memória histórica, era o caráter de solidariedade e compromisso radical uns com os outros: a comunhão. Isso ficou marcado, nos primeiros momentos, no movimento dos Macabeus. conforme no deuterocanônico 1Mc 2:41-43). Mais tarde, os próprios essênios, no deserto de Judá, viveram também em regime de comunhão e de repartir dos seus bens e haveres. Quando falamos na comunidade judaica de Qunran devemos mencionar que o próprio Livro da Regra da Comunidade enfatizava o caráter da comunhão e do compromisso mútuo de repartir uns com os outros. Assim todos deviam ter sempre o suficiente para a vida. Lá, o próprio trabalho tinha o caráter comunitário da mútua ajuda. Entre todos estes movimentos e grupos políticos e religiosos, a refeição pascal sempre teve um caráter solidário e de renovação do compromisso com Deus e, desse modo de uns com os outros. Era um espaço de renovação da esperança e das forças para o tempo de luta que se avizinhava. Era também superação do pecado, muitas vezes, enraizado na vida da comunidade e promotor da divisão, da falta de fraternidade e da morte.

A celebração da Ceia do Senhor era um momento decisivo, pois no contexto desses movimentos bíblicos estava presente a fé na possibilidade de que Deus voltasse a atuar com o poder e do modo como fizera no Egito, libertando-os dos novos opressores. Tal esperança é comprovada por diversos elementos. Durante a dominação romana, a guarda de Jerusalém era dobrada, tenho em vista que muitos movimentos messiânicos de libertação ocorriam durante a Páscoa, uma festa nacional. Outro exemplo é o levante de Matatias, o Macabeu, que aconteceu em função da proibição de celebrar a Páscoa, por ordem do Antíoco IV, o rei helenista da dinastia dos Selêucidas. E ainda, segundo os escritos da apocalíptica judaica, era na Páscoa que o juízo de Deus cairia sobre Edom e as nações pagãs da terra e, conseqüentemente, quando a libertação de Israel ocorreria.

Por tudo isso é que a frase de Jesus "Mas eis que a mão do que me trai, está comigo à mesa" (Lc 22:21) comprova que há uma proposta contrária à comunhão e a esperança. Sim, em meio a comunhão, presente no repartir o cálice e no repartir do pão em comum, as intenções dos corações e o propósito dos opressores são desvendados, sejam eles o Faraó, os romanos, os sacerdotes do templo, etc. Diante dos propósitos libertadores da Páscoa nada pode ficar escondido, mas tudo deve vir às claras para haver plena comunhão nessa caminhada.

A partir dessa compreensão, podemos entender a tradição da comunhão de repartir e do compromisso que se seguiu na Igreja. Ela é testemunhada pelo Evangelho, ao trazer projetada no relato da Ceia e na vivência a própria Igreja, ou nos Atos dos Apóstolos onde textos mencionam "... em comum", "... vendiam suas propriedades", "...repartiam com todos", "... era um só coração e uma só alma", "... todas as coisas lhes eram comuns", "... e não havia entre eles nenhum necessitado" (At 2:42-47; 4:32-34). As epístolas também dão testemunho desta prática.

Em função disso, dá para entender a indignação do Apóstolo Paulo ao saber o que se passava em Corinto (1Co 11:18-26), onde a Eucaristia perdera o seu caráter de comunhão no repartir, assumindo um estilo individualista: uns comiam demais e se embriagavam, e outros passavam fome.

Tomando por base tudo isso, diríamos que a Eucaristia não é plena onde uns comem e outros não têm o que comer. Este é o quadro que vemos em nosso Brasil. A Eucaristia tem que se tornar uma experiência plena e real na comunidade brasileira. Não é possível repartir o pão só para alguns. Isto não é comunhão, mas violência. Portanto, falar em Páscoa é falar em repartir o pão. É restituir ao trabalhador a abundância do pão que a nossa farta terra brasileira pode e tem para lhe dar. Daí a importância de que façamos do culto uma prática de fraternidade e um momento de questionamento e resistência aos que não querem repartir o Pão! Se Deus é nosso Pai, temos de ser irmãos e irmãs uns dos outros!

### **c) Eucaristia como Memorial: Anamnese**

*"E tomou o pão, tendo dado graças, partiu-o e deu-lhes, dizendo: Este é o meu corpo, o qual por vós é dado, fazei isto em minha memória" (Lc 22:19).*

Ter na memória o conteúdo libertador dos atos de Deus na história humana é fundamental. Eles nos dão forças e se atualizam na caminhada do povo de Deus. A Eucaristia tem este claro objetivo, conforme vontade expressa de Jesus no texto que estamos analisando.

Esquecer a história só interessa aos opressores que esperam sempre tirar partido disso. Ouvindo alguns jovens estudantes alemães sobre o problema do nazismo, disseram-me que a grande tese dos nazistas de hoje é que o povo um dia vai esquecer a grande desgraça que foi o nazismo para o mundo e para os alemães. Esquecer a história e as lutas de libertação para que ela seja contada do jeito e segundo os interesses dos opressores e poderosos. Na história do Brasil, por exemplo, saltando por cima de uma página de luta de libertação popular, nossos livros didáticos e a história "oficial" reduziram categoricamente a Antônio Conselheiro, líder da resistência de Canudos, apenas como um fanático religioso. O que não é verdade. Mas com procedimentos assim se tenta aniquilar a memória dos pobres e de sua luta de libertação.

Deus libertou seu povo do Egito. Não há dúvidas sobre o que Deus pretendia com a instituição da Páscoa. Os escritores bíblicos reproduziram com relativa clareza este propósito: "... é a Páscoa de Deus. Este será um dia memorável (recordatório) para vós, e celebrareis como festa de louvor ao Senhor, de geração em geração. Decretareis que seja festa para sempre" (Ex 12:11-14). Ou ainda: "Guardai este mandamento (Páscoa) como decreto perpétuo para vós e vossos filhos. Também guardareis este ritual quando entrareis na terra que vos dará o Senhor, segundo a sua promessa. E quando perguntarem os vossos filhos: que significa para vós este ritual? Responderéis: Este é o sacrifício da Páscoa de Deus que passou adiante das casas dos israelitas no Egito, quando feriu os egípcios e salvou nossas casas" (Ex 12:24-27a). Dentre as muitas expressões que evocavam a memória, sublinhamos o termo recordar.

Semelhantemente, o texto da instituição da Eucaristia de Lucas 22, inteiramente típico, sublinha com clareza no verso 19 o imperativo "fazei" e o substantivo chave "anamnesis" (memória). Com isso fica claro que estava na mente de Deus e de seu filho Jesus o desejo de que o movimento da história da salvação, a Eucaristia, fosse a nova Páscoa. E que a memória do compromisso de Jesus com os pobres, e seu conflito com os "faraós" de sua época (Herodes, os Sacerdotes, o Império Romano) fosse lembrado para sempre, com o propósito de recordar que o nosso Deus é um Deus comprometido, e que atua em justiça. Disso deu prova a sua ação no Egito, e mais tarde, sua ação através de Jesus.

É este o Deus da Bíblia! Um Deus que não só age espiritualmente como comumente entendemos, mas histórica e socialmente toma partido. E toma partido a favor do pobre, do doente, dos escravos, que são pessoas de categorias sócio-econômicas que estão regularmente em estado de opressão, ou seja, oprimidas. Deus toma partido, sim, e atua contra o rico e poderoso Faraó, contra o não menos rico e poderoso Herodes, contra os sacerdotes e contra o imperialismo romano. É este Deus e sua luta tomando partido em favor do povo pobre e simples que devemos cultivar como memória (anamnese) comprometida que deve ser lembrada na Eucaristia.

#### **d) Eucaristia como renovação da Aliança**

*"Este cálice é a nova aliança no meu sangue, que é derramado por vós" (Lc 22:20).*

Quando tentamos sublinhar neste texto o significado dessa expressão de Jesus em Lc 22:20 e em Paulo (1Cor 11) temos de entendendo a Eucaristia como prosseguimento da Aliança com Deus, em uma nova expressão, onde o pecado é superado, caminhando-se para uma nova ordem de justiça. A expressão Nova Aliança já é uma interpretação da própria comunidade primitiva, que sintetizando diferentes tradições organizou seu próprio calendário litúrgico e sua forma de culto. A importância de sublinhar tal fato está no sentido histórico, e conseqüente ação de Deus. A maior parte das interpretações e pregações que leio e ouço sobre o texto se voltam para o passado. O que sem dúvida é importante. Mas o sentido de uma Nova Aliança não se prende apenas ao passado, de tal forma que se lança no futuro, significando que Deus, a partir da experiência Eucarística da comunidade se dispõe sempre a recomeçar uma nova caminhada de libertação, de superação do jugo que aprisiona e que impede que a Aliança da justiça se cumpra. Pois, junto à Aliança vem um código, uma lei de justiça, a qual está expressa no Evangelho.

Sim, precisamos cada vez mais adquirir uma compreensão dinâmica da Aliança em Cristo, pois foi feita em sangue. Isso significava e significa que é para sempre. Portanto, mesmo que não estejamos lembrados, Deus se lembra sempre do sacrifício do seu Filho Jesus. Do mesmo modo lembramos os que no meio de nós, seguindo o exemplo de Jesus, foram perseguidos, presos e sacrificados na luta pela justiça. O sangue de Jesus, ao ser derramado, traça um rastro de justiça para o futuro. Dando o sinal de que a Aliança está feita e a luta continua. O importante é que Deus está conosco. "Jesus está presente", este é o grande anúncio da Nova Aliança na experiência da comunhão do corpo e do sangue de Jesus. Na experiência da comunhão do corpo e do sangue de Jesus, símbolos da Nova Aliança, a presença de Jesus é atualizada, sublinhada, acolhida e cultuada.

#### **e) A Eucaristia como refeição que prefigura o banquete messiânico.**

*"Digo-vos que não a comerei mais, até que ela se cumpra no Reino de Deus"(Lc 22:16).*

Finalmente, Jesus deixa claro seu desejo de voltar a celebrar a Eucaristia com todos na plenitude dos tempos, na plenitude do Reino. Este é o sentido escatológico da Eucaristia. O caráter escatológico da Eucaristia também foi anunciado antes da última Páscoa pelo próprio Jesus através da Parábola da Grande Ceia (Lc 14:15-24). Essa parábola é um eco da própria política judaica, de onde provém a imagem de um banquete messiânico. No coroamento do reinado de Deus, no seio da humanidade, na plena concretização da justiça, cumpre o banquete messiânico uma função simbólica ao estado ideal aos olhos de Deus; todos em fraternidade, repartindo o pão e assentados à mesa com Deus e seu Filho Jesus Cristo, o nosso Senhor.

Portanto, é ponto claro que a Eucaristia se prefigura e antecipa o ideal de Deus. Em Ação de Graças, reconhecemos e proclamamos que tudo pertence a Deus. Mantemos viva a memória da libertação potencialmente sempre presente. Reafirmamos a nossa fé na Nova Aliança selada no sangue de Jesus e de seus seguidores. Vivemos a comunhão do repartir do pão. E seguimos em frente fortalecidos mutuamente para a luta de anunciar e construir o Reino de Deus, onde todos possam com fartura comer o pão e viver a vida com alegria e paz.

#### **f) Algumas implicações da Mensagem Pascal nos Sinóticos.**

A Cruz é sem dúvida um elemento de perplexidade, de escândalo. Ela assume o centro da proclamação e a ceia é uma forma de explicar o mistério da cruz. A mensagem da cruz assume um lugar de sentido vital para a Cristologia da Igreja Primitiva, e porque não dizer Contemporânea. Segundo os Evangelhos, não há Jesus sem cruz, não há Igreja sem cruz. Consiste um sério equívoco quando nossa pregação enuncia apenas a ressurreição, pois não há ressurreição sem morte, e a morte de Jesus, como deixaram bem claro os Sinóticos, foi a mais rejeitada e sofrida. A Cruz é uma forma de denúncia diante de um estado imperialista como o Romano, diante de uma religião acomodada e opressora como o farisaísmo e o Templo de Jerusalém, diante de todo e qualquer pecado. A cruz de Cristo, ademais de sentido expiatória, foi profética: todos os cristãos têm uma Cruz a enfrentar e tomar. Não mais expiatória, mas profética e ministerial (Lc 9:23).

#### **g) A morte de Jesus na Cruz**

Desde a antigüidade cristã era preciso anunciar e explicar o fato da morte de Jesus numa cruz. O que representava um grande escândalo para os judeus, visto que a cruz era o sinal da dominação romana (Lc 24:20-26). Como um condenado à morte de cruz poderia ser o Messias? Não seria ele um sinal de insubmissão ao imperialismo romano? Não seria um "maldito" segundo os critérios da Lei Mosaica (Gl 3:12-13)? Portanto, como ser seguidor de um Crucificado neste mundo dominado pelo poder imperial romano e pela Lei Mosaica?

Assim, o anúncio da morte na cruz é a célula germinal de toda a narrativa evangélica, e o ponto de partida para a compreensão mais profunda do sentido da missão redentora e libertadora de Jesus (Mc 10:45). O anúncio da morte de Jesus na Cruz é o princípio da compreensão do mistério cristológico (Fl 2:6-11).

# **O BATISMO CRISTÃO**

Donald Raffan

## **I - INTRODUÇÃO:**

Os Documentos da Igreja Metodista referem-se ao batismo como um "sinal visível da graça de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual nos tornamos participantes da comunhão do Espírito Santo e herdeiros da vida eterna". Note-se aqui que é pela graça em Cristo e não pelo batismo que nos tornamos "participantes"! Isto em si já diz muito, mas é preciso examinar três dos termos citados: a graça, a comunhão do Espírito Santo e a expressão "herdeiros".

1) O batismo é sinal da "graça" vinda de Deus. É a declaração da ação de Deus (Pai, Filho e Espírito Santo) a nosso favor - a graça oferecida a todos (Rm 5:18). A graça não pode ser limitada à idade. Qual a idade a que seria limitada? Deve a igreja voltar à lei do Antigo Testamento e à idade de 13 anos, quando era realizado o "Bar Mitzvah" ou o ritual de iniciação da criança ao mundo dos adultos? Mas os judeus também praticavam a circuncisão, assim declarando a criança parte da família de Deus (veja ítem IV deste estudo).

2) Levantamos também a mesma pergunta sobre comunhão do Espírito Santo. Em que idade começa tal comunhão? (veja também no ítem IV deste estudo como a Bíblia trata as crianças).

3) A circuncisão no Antigo Testamento é declaração da herança oferecida por Deus. Paulo e outros no Novo Testamento usam a expressão "herdeiros" (Rm 8:17; Gl 3:29 ; Gl 4:1-7; Hb 6:7; 1Pe 3:7). O herdeiro tem o direito desde o seu nascimento (se ele se aproveita de sua herança ou não é outra coisa). O batismo é a declaração de que nossa herança está disponível a nós, para a aceitarmos.

## **II - FORMAS DE BATISMO NA BÍBLIA:**

A Bíblia é a primeira fonte à qual o cristão deve olhar, a fim de compreender o batismo. Geralmente se usam duas palavras em referência à forma do batismo: "aspersão" (incluindo aqui para fins deste estudo também o "derramamento") e imersão.

A palavra aspersão acha-se em Ex 24:6-8; Lv 4:6; Lv 14:7 (onde se refere a sangue); Lv 14:16-27 (referindo-se a azeite); Lv 14:51; Lv 16:14-15 (referindo-se a água e sangue); Ez 36:25 (água); Hb 9:19-20; 1 Pe 1:2 (sangue) e outras referências semelhantes.

A aspersão aqui mencionada é feita com sangue, sangue e água, azeite e água. Este ritual era a declaração duma nova aliança, com sacrifício para remissão de pecados, para purificação, como uma forma de "batismo". É importante notar que a prática não era a da imersão (na conclusão deste estudo mostramos que esta era uma prática mais ligada à Ceia do Senhor!).

A palavra imersão, por incrível que pareça, não aparece na Bíblia nenhuma vez! Mesmo assim, é preciso examinar o significado da palavra, pois sabe-se que a imersão também era praticada pelo povo de Israel. Geralmente, imersão é termo usado com referência à morte para a velha vida e à ressurreição para a nova vida em Cristo (Rm 6:4 e 8; Cl 2:12). A palavra "sepultado", que é a base do argumento para o batismo por imersão, realmente se refere à conversão (quando o velho homem morre e o novo nasce). Mas o batismo, como veremos, é a ação de Deus (graça) em prol do homem, e não a resposta do homem à ação de Deus.

Um estudo cuidadoso da Bíblia mostra que as únicas situações onde houve possibilidade de ocorrência do batismo por imersão, foram as que cercaram o trabalho de João Batista (e este era batismo para a remissão de pecados, um ritual da velha aliança do Antigo Testamento) e a do batismo do eunuco por Filipe (At 8:26-40).

### **a) O BATISMO DO POVO DE ISRAEL:**

As fontes que esclarecem a prática do batismo do povo de Israel são o Novo Testamento, a arqueologia e a história. A palavra "batizar" e seus derivados só aparecem no Novo Testamento. No Antigo Testamento encontram-se somente as palavras "lavar" e "purificar". Estes eram atos religiosos praticados após a contaminação, após as enfermidades, após o contato com mortos (as coisas mortas eram consideradas contaminadas), ou o contato com pessoas incrédulas (os pagãos), etc. As referências que podem ser examinadas são: LAVAR: Ex 29:4; Ex 30:19-21; Ex 40:12; Dt 23:9-11; Jr 2:27; Jr 4:14; Is 1:6, etc. PURIFICAR: Nm 8:7; Nm 19:13; Nm 19:20 e 23. Nota-se que o ritual de purificação era repetido regularmente sempre que uma pessoa fosse contaminada.

De acordo com o Novo Testamento, João Batista ("o Batizador") começou o seu ministério antes de Jesus, Lucas 3:3 diz que "ele percorreu toda a circunvizinhança do Jordão, pregando o batismo de arrependimento para a remissão de pecados..." João realizava o que já era costume entre o povo de Israel, como parte dum "avivamento" ou "campanha de evangelização". Este batismo ou purificação podia ser repetido, e assim se fazia cada vez que uma pessoa se sentisse convicta de pecado e se arrependesse, ou desejasse purificar-se de contaminação. Mas não era mais que isto: um batismo para a purificação de pecados e de coisas imundas (Veja-se Atos 19:1-6).

A arqueologia e a história revelam que os israelitas construíram tanques para praticar o batismo, mas é importante reconhecer que estes atos de batismo estão longe do significado do batismo no Novo Testamento, praticado pelo Cristianismo.

#### **b) O BATISMO CRISTÃO NO NOVO TESTAMENTO:**

O batismo no Novo Testamento é chamado cristão devido à diferença de significados entre o que era praticado pelos judeus e o determinado por Jesus Cristo. "A Grande Comissão" manda batizar "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28:19). Em outras palavras, não há nenhuma ligação entre o batismo do Antigo Testamento, feito para remissão dos pecados e para a purificação, e o batismo cristão. Argumentam alguns que no Novo Testamento se fala em batizar "discípulos", isto é, adultos convertidos. Era uma situação onde muitas pessoas haviam sido convertidas e naturalmente foram batizadas. Mas tudo indica que a família toda (do novo convertido) era incluída neste batismo.

O batismo, hoje, não é repetido, quando um crente se desvia da Igreja e depois retorna, o que seria feito se se seguisse a prática do Antigo Testamento. É de estranhar que algumas igrejas não aceitem o batismo de outras. Algumas insistem no batismo válido somente com a imersão. E mesmo entre as igrejas que praticam a imersão, algumas insistem que tal batismo seja em rio ou água corrente, enquanto outras batizam em tanques (ambos os métodos foram usados pelo povo de Israel). Parece que realmente muitas igrejas não têm examinado com cuidado as Escrituras, antes de decidir a respeito de como batizar. Na prática, então, elas decidem batizar por um certo modo, procurando depois nas Escrituras, as "provas" para sustentar a sua posição.

#### **III - O BATISMO DE JESUS:**

Com respeito à necessidade de Jesus ser batizado, todos reconhecem que, como Filho de Deus, ele não precisava disto. Os homens, como disse João Batista, é que precisam ser batizados por ele (Mt 3:14). O batismo de Jesus também foi o da "velha dispensação", para a remissão de pecados (lavagem de pecados). O batismo de Jesus não foi, obviamente, "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". É importante que se note este fato. Há uma diferença radical entre o batismo do Antigo Testamento e do Novo Testamento. É neste ponto que muitas denominações têm tropeçado, quando insistem somente no batismo de adultos e por meio de imersão. Elas não têm estudado com cuidado o "significado" do batismo Cristão, tendo se preocupado mais com os "meios". No caso de Jesus, segundo E.F. Winward, na página 10 de seu livro O Ensino do Novo Testamento Sobre o Batismo, ele foi batizado "somente porque se identificou com pecadores, e para os livrar de seus pecados (somos libertos por Cristo, e não pelo batismo!). É por isso que bem no início do seu ministério Jesus se afiliou conosco, aceitando o fardo de nosso pecado".

#### **IV - O BATISMO DE CRIANÇAS:**

A Aliança de Deus com o seu povo sempre incluiu as crianças (veja, por exemplo, Dt 29:10ss, At 2:39). Inúmeras vezes Deus chama a crianças (Jr 1:5; 1Sm 3; Lc 1; Gl 1:15).

No Antigo Testamento, o povo de Israel praticava a circuncisão no oitavo dia após o nascimento dos meninos, e o batismo das meninas. A circuncisão era um sinal externo de posse (Gn 17:9-14; Cl 7:8-12). Não havia nada na cerimônia que assegurasse a fidelidade posteriormente. Mas era exigência de Deus! Do mesmo modo, não há nenhuma garantia de fidelidade permanente da parte de uma pessoa batizada, quer na infância, quer adulta. Paulo rejeitou a circuncisão, não porque fosse praticada em crianças, mas por causa da infidelidade (Rm 2:25-29). Em Filipenses 3:2, ele chegou a chamar a circuncisão de "mutilação". Do mesmo modo que a circuncisão verdadeira é a do coração, assim também o é o batismo verdadeiro.

Quem exclui as crianças da graça completa de Deus, não pode reconciliar sua ação com as palavras de Jesus em Mc 10:15, onde ele diz: "Em verdade vos digo; quem não receber o Reino de Deus como uma criança, de maneira nenhuma entrará nele". Para Jesus a criança é plenamente aceita: "dos tais é o Reino de Deus" (Mc 10:14). Estes versículos trazem uma riqueza muito importante ao evangelho e ao Cristianismo. Em poucas palavras, o coração de Deus está aberto! Deus não faz acepção de pessoas! O Reino de Deus não é só dos adultos. A graça de Deus não tem limites. Em 2 Co 5:19, Paulo diz que "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo..." A graça é de fato oferecida a todos!

Partindo, então do Antigo Testamento e passando para o Novo Testamento, fica claro que negar a graça de Deus a uma criança é uma ofensa a Deus e uma negação de sua obra em Cristo. O batismo é o início do processo de nutrição e desenvolvimento espiritual.

Por inferência, chega-se à conclusão de que houve crianças batizadas no Novo Testamento (e o batismo de crianças só chegou a ser negado com o surgimento dos "Anabatistas", no século XVI). Repetidas vezes pode-se ler que foi batizado "fulano" e com ele "toda sua família" (veja At 16:15 e 33; At 18:8; 1Co 1:16, etc.), e a família naquela época incluía os escravos e todas as pessoas na casa.

A ênfase no batismo é dada à ação de Deus, e não a um ato de fé. É a declaração da graça de Deus, que não depende do homem, falho, pecador, nem do modo de se batizar. No "sacramento do batismo infantil, os benefícios da cruz são tornados válidos para o pequenino há pouco nascido, e a graça perdoadora de Deus começa a agir nele antes mesmo que se torne cômico de ter recebido essa dádiva ou mesmo de ter dela necessidade", diz D. Webster, na página 34 de seu livro Em Dívida Com Cristo.

#### **V - CONCLUSÕES:**

Sobre o batismo, conclui-se o seguinte:

A) No Antigo Testamento e nos 300 anos, entre o cânon do Antigo Testamento e o Novo Testamento, o batismo era praticado por imersão e aspensão (inclusive, por derramamento), mas com a finalidade única de remissão de pecados e purificação.

B) No Novo Testamento não há nenhuma orientação sobre o modo de batizar. Esta não era a grande preocupação da Igreja. Pelo contrário, o autor de Hebreus (5:14ss, 6:1-3) diz a seus leitores que não gastassem muito tempo debatendo e rebatendo questões a respeito do batismo. Vamos adiante, diz o autor, progredindo na fé. Paulo, em 1Co 1:13-17 dá pouca ênfase sobre o batismo, colocando em lugar de maior importância a pregação do Evangelho.

C) No tempo da Igreja Primitiva, após a época dos escritos do Novo Testamento, houve um documento (entre muitos) muito importante, chamado "O Didaquê" ou "Manual de Orientação" que era usado pela Igreja. O Didaquê diz: "Se não há água corrente, então qualquer água serve; se não há água fria, então pode ser morna; mas se não há nenhuma outra, derrame água sobre a cabeça, três vezes, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". O modo de batizar, portanto, não era significativo. Tanto que não houve nenhuma orientação sobre ele.

D) O batismo cristão, embora relacionado à remissão de pecados, é antes de tudo, relacionado com a graça de Deus. A criança é pecadora apenas na medida em que participa da raça humana, e é neste sentido que a Bíblia afirma que todas as pessoas já nascem em pecado. A criança como um ser ainda pequenino, não totalmente consciente e responsável, certamente não é pecadora e nem comete pecado. John Wesley escreve em seu Diário, na data de sua experiência (24 de maio de 1738): "eu creio que até os 10 anos de idade, não pequei..." A criança, ao crescer e atingir a idade da consciência e da responsabilidade, será envolvida pelo pecado. Há, pois, necessidade de remissão de pecados para todas as pessoas. É isto o que lemos no ritual da Ceia do Senhor, quando Jesus tomando o cálice e dando aos seus discípulos, afirma: "isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para a remissão de pecados". Batismo, então, é oferta da salvação, vinda da graça de Deus, e não uma "vacina espiritual" ou uma "magia", que protege alguém para sempre. O cristão ao tomar parte na Ceia do Senhor, declara a sua aceitação da salvação em Jesus. E neste sentido, só se deve batizar crianças que sejam filhas de pais cristãos, membros da Igreja. O batismo cristão é oferta de salvação e não a própria salvação. Se pelo batismo alguém fosse salvo, não haveria necessidade da cruz e muito menos da Ceia do Senhor.

E) Havia outras práticas de batismo no Novo Testamento, notadamente o batismo em prol de pessoas já mortas (1Co 15:29), mas esta prática foi condenada e, evidentemente, logo abandonada.

F) Depois dos primeiros séculos da Igreja, houve pessoas que começaram a deixar o batismo para a última hora da vida, a fim de entrarem puras no Paraíso, mas este costume também foi abandonado.

G) Jesus nada disse sobre o modo de batizar. Não se pode imaginar Jesus, que denunciou o legalismo da lei dos fariseus (lei dos homens e não de Deus!), preocupando-se quanto à quantidade de água ou modo de batizar. Insistir nestas coisas é lei. Insistir no Espírito, no batismo, é graça. Um pregador disse certa vez, pelo rádio: "Não sei como uma pessoa inteligente pode aceitar o batismo de crianças." É este o mesmo argumento para o aceitar: Não sei como uma pessoa inteligente pode não aceitar o batismo de crianças! A graça de Deus não está impedida ou limitada pela idade. Ele, o Todo-Poderoso, faz maravilhas! Dietrich Bonhoeffer, o grande cristão alemão, disse: "O batismo a pessoa a reconhecer que toda sua vida, e a do seu filho, estão debaixo da proteção de Deus..."

H) O Cristianismo é a expressão mais perfeita do relacionamento entre Deus e suas criaturas. Não é mera cópia de outras religiões. Sabe-se que havia batismo para remissão de pecados entre o povo de Israel. Há "batismo" também na religião dos hindus, na Índia. Os peregrinos hindus saem de todas as partes da Índia para a Allahabad, onde os rios "sagrados" Ganges e Jamuna se ajuntam. Ali, os fiéis entram nas águas e se banham (ou se batizam), acreditando com isso que serão purificados de seus pecados e obterão a vida eterna e a imortalidade. O batismo cristão é mais do que uma repetição daquilo que outras religiões fazem.

I) A lógica e o raciocínio são necessários, juntamente com a orientação das Escrituras. Se não se pode batizar crianças, negando assim o poder de Deus operando em sua vida, também não se pode orar por elas! Assim, certamente, elas seriam criaturas do inferno, o que nega a declaração das Escrituras, ao registrar as palavras de Jesus "dos tais é o Reino de Deus". É evidente que isto é um absurdo.

Pergunta-se ainda mais. Uma criança pode orar? Sim, pode. Deus ouve a sua oração? Sim, Deus ouve! Então por que negar o batismo? Durante toda sua vida, o grande Reformador da Igreja, Martinho Lutero, na hora de tentação ou tribulação disse para si mesmo: "Eu já fui batizado", declarando assim que, desde criança, Deus estava com ele e que ele, em todos os momentos podia lançar-se sobre a misericórdia de Deus e apoderar-se de suas promessas.

Chega-se assim à conclusão de que o batismo de crianças não somente é válido, mas mostra maravilhosamente o quanto a graça de Deus opera em todos. O batismo limitado aos adultos coloca limitações à ação e ao poder de Deus, e empobrece seu evangelho salvador.



# A MANEIRA DO BATISMO CRISTÃO

Bispo Wilbur K. Smith (Bispo Emérito da Igreja Metodista no Brasil)

Não me é agradável a tarefa de concentrar atenção em formas de batismo, por considerar isto e o próprio batismo como algo rudimentar ou secundário no cristianismo. Penso como Stanley Jones que diz na página 143 de seu livro *O Cristo de Todos os Caminhos*: "Nada é essencial senão Deus, e para encontrá-lo não carecemos de ritos nem cerimônias". Só me dou ao trabalho de preparar este estudo porque há os que estão colocando tal ênfase sobre a validade de uma forma de batismo, deslocando o centro de Cristo para um rito, e causando confusão na mente e no coração de muitos que não têm acesso a fontes de estudo em questão.

A Igreja Metodista sábia e cristãmente estabelece em seus documentos (Cânones) que "o batismo é o sinal visível da graça de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual nos tornamos participantes da comunhão do Espírito Santo e herdeiros da vida eterna". Também cremos que "o batismo é com água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, com aspersão, derramamento e imersão. A Igreja Metodista, embora comumente pratique a aspersão, reconhece como igualmente válido o batismo de derramamento ou por imersão." Não se trata aqui, portanto, de desmerecer o batismo por imersão, mas desmascarar a farsa doutrinária criada por alguns segmentos da igreja cristã de que ele é a única forma verdadeira de batismo. Isso é mentira! Mas vamos adiante...

Baseado no sentido da palavra grega "baptizo", conforme o seu uso no grego clássico, que quer dizer "imersão", os imercionistas buscam argumentos bíblicos para sustentar sua posição, e acham-na com dificuldade. Argumentam que a narrativa do batismo de Jesus (Mt 3:6 e Mc 1:9-10), que diz "no rio Jordão" e "ao sair da água", indica que o batismo foi por imersão. Sem admitirmos a veracidade desta interpretação, poderíamos, usando esta forma de argumentação deduzir que tanto o batizando como o oficiante deveriam ambos imergirem, tomando por base o relato do batismo do Eunuco por Filipe em Atos 8:38, pois o texto diz claramente que "ambos desceram às águas" e que ambos "saíram da água". Se isto quer dizer que o Eunuco foi mergulhado, também Filipe mergulhou (ambos fizeram a mesma coisa!). E coerentemente, será necessário que cada vez que um oficiante celebrar um batismo, precisará também imergir-se, mergulhar. Mas não me parece que o argumento "desceram" e "saíram" seja ponderável a favor da imersão.

A força deste argumento a favor da imersão como forma absoluta de batismo está na insistência no sentido do termo grego clássico. Mas aonde na Bíblia encontramos indício qualquer de que o uso do termo tenha o sentido clássico, e não um novo sentido, o sentido religioso? A insistência no sentido clássico é falho porque é amplamente conhecido o fato de que palavras assumem sentidos diferentes conforme o uso e o contexto.

Assim vemos que o uso judeu de "baptizo" tem um sentido diferente quando usado em Lc 11:37-39 que faz referência a lavagem cerimonial das mãos e dos pés. A palavra traduzida "lavara" no original é "ebaptisthe", que vem da mesma raiz grega de "baptizo". O mesmo pode se dizer da narrativa de Mc 7:1-7 com referência a lavagem de copos, jarros e vasos no versículo 4, onde a palavra usada no original é "baptisontai". Ora, lavar e mergulhar são coisas bem distintas.

Torna-se novamente aparente o uso diferente da palavra "baptizo" no sentido bíblico na passagem em 1Co 10:2, em que Paulo descreve a passagem dos filhos de Israel pelo mar como sendo um batismo na nuvem e no mar. Mas quando lemos a passagem em Ex 14:19-29 deparamos com o fato de que eles não foram envolvidos pela nuvem, que "passou para trás deles" (versículo 19). Nem foram imersos no mar, pois passaram "em seco" (versículo 22) e de pés "enxutos" (versículo 29). Assim foram eles batizados passando pelo mar "de pé enxuto". É evidente que o uso bíblico da palavra "baptizo" aqui não tem sentido de imergir. Aliás, os únicos que foram imersos foram os soldados do Faraó do Egito, que pereceram no mar.

Recorremos agora à autoridade do apóstolo Pedro que se refere ao dilúvio e à arca de Noé como figura do batismo. Aqui novamente, os poucos que se salvam são os que estavam dentro da arca, com água em volta e por baixo, mas não por cima. Portanto, dentro da arca, permaneceram enxutos, enquanto que os imersos, sucumbiram-se nas águas.

Temo por homens e mulheres que põe de lado a salvação gratuita que vem pela fé em Cristo e se voltam ao estilo dos fariseus (combatido por Jesus!) para o batismo "nas águas". Em Gálatas 3:1-5 lemos: "Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado? Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei, ou pela pregação da fé? Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais agora vos aperfeiçoando na carne? Terá sido em vão que tantas cousas sofrestes? Se na verdade foram em vão. Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura o faz pelas obras da lei, ou pela pregação da fé?"

As próprias pessoas que insistem no batismo por imersão como sendo a forma certa, a única forma certa de batismo, são incoerentes, pois falam de Pentecostes como sendo o "batismo do Espírito Santo", enquanto que Pedro no seu discurso no dia de Pentecostes em At 2:17 cita o profeta Joel, dizendo: "E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda a carne..." O batismo aqui foi, evidentemente, por "derramamento" e não por "imersão".

Creio ter estabelecido suficientemente o fato de que o uso da palavra "baptizo" na Bíblia não tem o mesmo significado que tem no sentido original do grego clássico. A ordem do Senhor Jesus, então, é de batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A forma física do rito (derramamento, imersão ou aspersão) não foi descrita na ordem de Jesus. A ordem de Jesus é de pregar e ensinar, a maneira de fazer isto não foi definido. Cada apóstolo e ministro o faria de acordo com sua possibilidade ou conveniência por uma ou mais formas. Com o passar do tempo os meios para pregar o evangelho tem se multiplicado: é feito dos púlpitos, nas esquinas das ruas, de casa em casa, pelo rádio e TV, através da palavra falada, da palavra impressa, da arte, etc... A mesma coisa com o ensinar. E certamente com a forma de batizar. O que importa é obedecer à ordem de Jesus. A maneira deve ser a que melhor sirva a ocasião e importa a forma do rito, se o alvo é alcançado.

Admitamos que segundo algumas fontes a "imersão" era a maneira mais comum de batismo no início da Igreja Cristã, mas nunca a "quantidade de água" foi concebida como de suma importância. Se vamos dar créditos às representações pictográficas do batismo nos primórdios do cristianismo, as fontes mais antigas nos dão a impressão que a maneira mais usual do batismo era por "ablução".

Assim no "Didaquê", um dos mais antigos livros de instrução para catecúmenos (novos convertidos), temos notícia da prática do batismo por "ablução", ou seja, "derramamento". No International Standard Bible Encyclopedia, Volume 1, página 390, lemos que as duas maneiras, "imersão" e "ablução", estavam em uso no início do segundo século de nossa era cristã e não há nada que indique não estarem em uso durante o período dos apóstolos.

Nos primeiros tempos, batismo por "aspersão" era reservado mais para os enfermos. Porém, quando no Século III alguém levantou a questão da validade do batismo por aspersão, Cipriano, líder da igreja cristã, na sua LXXV Epístola, declara que a ordenança administrada desta forma é perfeitamente válida e cita em sustento dessa sua posição, vários textos do Velho Testamento, que falam de ritos de purificação através da aspersão de água. Eis alguns: Ez 36:25-26; Nm 8:5-7; Nm 19:8,9,12 e 13. Transcrevo agora o texto de Cipriano conforme é relatado pelo Dr. E.B. Fairfield, no livro Cartas sobre o Batismo, páginas 91 e 92: "Perguntais o que julgo daqueles que obtêm a graça em tempo de enfermidade e fraqueza, se tais devem ser considerados como cristãos legítimos, pois não foram completamente banhados com a água da salvação, mas só receberam uma pequena quantidade dela derramada sobre eles. Em tal assunto eu usaria tanta modéstia e humildade que não prescreveria positivamente, mas deixaria a cada um a liberdade de pensar e fazer o que achasse melhor. De acordo com o melhor da minha humilde capacidade, penso assim: que os favores divinos não são diminuídos ou enfraquecidos por terem tais doentes somente a efusão ou aspersão quando receberam a graça do Senhor; quando, como dizem as Escrituras Santas pelo profeta Ezequiel: "Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis puros". E não pensem tais, se recuperarem a saúde, que necessitam ser batizados de novo. Porque no batismo não se lava a mancha do pecado como se lava a mancha do corpo num banho físico, externo, com necessidade de nitro e um poço em que o corpo pode ser lavado ou purificado. O coração do crente lava-se de um modo muito diferente: de maneira mui dissemelhante a mente do homem é purificada do pecado pelo mérito da fé."

Sendo o batismo um símbolo de purificação do pecado, pelo sangue de Cristo, era muito simples para os judeus entenderem a prática da "aspersão" no batismo, pois estavam acostumados à cerimônia de purificação pela aspersão de água como bem podemos deduzir de João 2:6. As talhas que continham a água que Jesus transformou em vinho, eram para purificação cerimonial, não por imersão, para qual não havia condições. Era, portanto, comum ser por aspersão ou ablução.

É falho o argumento de que a expressão "no rio Jordão" implica em "imersão". É de uso comum alguém dizer que foi pescar e acampou no rio Paranapanema, ou qualquer outro rio, quando naturalmente se entende que tudo isso aconteceu no barranco, na margem do rio e não dentro da água. Alguém que vai até o rio ou no rio não quer dizer que vá entrar dentro dele! Mas, para os que insistem em deduzir o batismo por imersão, porque João Batista batizava "no rio Jordão", ou então em Enon, porque lá existiam muitas águas, é bom que reflitam em que águas foram então batizadas as três mil pessoas batizadas em Jerusalém no dia de Pentecostes, onde as únicas massas existentes eram nos reservatórios que supriam a cidade de água potável.

E que diremos da narrativa do batismo de Cornélio e de sua casa? Enquanto Pedro pregava, o Espírito Santo caiu sobre os que o ouviam. Pedro então pergunta: 'Porventura pode alguém recusar a água, para que sejam batizados (...) e ordenou que fossem batizados'. Haveria um riacho ou tanque de água corrente ao lado da casa de Cornélio que comportasse a imersão de tantas pessoas? A inferência é de que Pedro pediu que trouxessem água para o batismo imediato daqueles que haviam subitamente recebido o batismo com o Espírito Santo (cf. At 10:44-48).

O Dr. E.B. Fairfield que foi por um quarto de século, um dedicado ministro de Igreja que adota o batismo por imersão, depois de metucioso estudo da questão, com o objetivo de preparar um livro em defesa desta forma de batismo como sendo a única, concluiu escrevendo um livro provando o contrário. Em seu já citado livro, Cartas sobre o Batismo, ele tece o seguinte comentário sobre o batismo de Lídia: "Temos o batismo de Lídia e sua casa. Neste caso a reunião foi do lado do rio "onde se costumava fazer oração." Ali Paulo pregou aos que se haviam ajuntado. Lídia e sua casa foram batizadas. E se ela convidou o pregador a permanecer em sua casa. É verdade que o local não era desfavorável à imersão, mas não se dá indicação alguma de ter Lídia voltado à cidade para tratar de roupas para si e sua família, roupas próprias para a imersão. Não há nenhuma

indicação da demora que isso teria necessitado, e a interpretação simples, natural, excluiria tal suposição, quando temos claramente na mente que a palavra não requer imersão."

Volto a citar Stanley Jones através da página 140 de seu livro O Cristo de todos os Caminhos: "No Pentecostes esta dádiva se manifestou plenamente e não houve ali nenhum rito ou cerimônia. Portanto, quando os homens estabelecem seus complicados sistemas de dogmas e ritual, e apelam para Cristo para que aprove-os e lhes diga "sim", eu sei que este "sim" vem do movimento da cabeça de um Cristo de madeira, criado pelo eclesiasticismo e não do Cristo vivo do Novo Testamento." Já na página 141 ele diz: "O Cristianismo do Novo Testamento lançava mão do rito do batismo, mas não estava jungido a ele e por isso Paulo, o mais alto expoente da Igreja de então, podia exclamar: 'Dou graças a Deus que não batizei nenhum de vós, exceto Gaio e Crispo'." E finalmente, na página 142, Stanley Jones afirma: "Eu creio no batismo cristão exatamente porque não creio que ele seja absolutamente essencial. Como um meio de declarar perante o mundo nossa fé, nada há mais lindo nem mais expressivo, mas como "*sine qua non*" para achar o Espírito, nada há mais desastroso. Pois sob tal presunção, o batizando deve conservar a idéia que, em muitos casos, não passa de ficção, de que ele necessariamente recebeu o Espírito no Batismo." Ou seja, o Batismo não "dá" o Espírito Santo ao batizando, mas é consequência, reação, atitude de dedicação e entrega, visto o Espírito já estar nele presente e operando.

# **ORIENTAÇÕES PASTORAIS SOBRE CELEBRAÇÃO DE BATISMO INFANTIL E CASAMENTO**

(Pr Ronan Boechat de Amorim)

Visto que o batismo é a inserção (entrada) da criança na vida eclesial (na família de Deus) e a consagração da criança ao seguimento de Jesus Cristo, o pastor reservará para si a responsabilidade de celebrar o batismo infantil somente de crianças em que pelo menos um dos pais (ou representante legal) seja membro da Igreja ou cadastrado formalmente como Metodista não-arrolado. As testemunhas também, pela função religiosa e espiritual que desempenharão, deverão obrigatoriamente ser membros da Igreja. Há um curso obrigatório para pais e testemunhas visando a Minистраção do Batismo Infantil.

Visto que o casamento cristão também é um pacto profundamente espiritual feito diante do altar, da comunidade cristã e do próprio Deus, onde os noivos (que além de cristãos, participam da comunidade da fé!) assumem o ministério de cuidarem um do outro no nome de Jesus, bem como o compromisso de se amarem e de fazerem de suas vidas e lar um espaço de adoração e testemunho de Deus, o pastor reservará para si a responsabilidade de celebrar casamento somente quando os noivos (pelo menos um deles!) forem membros da Igreja ou quando estiverem formalmente cadastrados como metodistas não-arrolados.

O casamento cristão (religioso) só tem significado para quem vive em Igreja, comunidade de fé, e para quem segue fielmente a Deus e sua Palavra e para quem aceita o acompanhamento pastoral da vida a dois.

Nessa compreensão da espiritualidade do casamento cristão, o ideal é que as testemunhas não sejam escolhidas apenas por grau de amizade, parentesco ou simpatia, nem mesmo pelo presente caro que possam dar. Mas que, em compatibilidade com a função fiadores do pacto nupcial (representar a igreja na vida do casal e intercessores e animadores do casal na vida em igreja), sejam casais casados com vida conjugal e familiar cheia de sabedoria, santidade e fidelidade a Deus e a Igreja. Pessoas maduras e experientes.

Que o Senhor possa orientar a todos os irmãos e irmãs.

# **ALDRERSGATE DEPOIS DE 261 ANOS**

Duncan A. Reily ( Historiador e escritor Metodista)

Foi exatamente há 261 anos atrás que John Wesley, na noite de 24 de maio de 1738, recebeu o dom de fé em Jesus Cristo e, com ela, a segurança de que tinham sido perdoados seus pecados e ele salvo "da lei do pecado e da morte". Por ter ocorrido a experiência no salão de uma Sociedade Religiosa à Rua Aldersgate, em Londres, o evento é conhecido dos metodistas como a experiência de Aldersgate. Por que lembrar esta data hoje? Entre as muitas razões que poderiam ser mencionadas, algumas das mais significativas ao meu ver são essas que indico abaixo:

1 - Aldersgate coloca o Metodismo bem dentro do Protestantismo em geral. O próprio John Wesley encarou sua experiência de 24 de maio como o clímax de uma longa caminhada de busca religiosa, o que ocorreu através de uma confiante entrega do seu próprio ser nas mãos de Jesus Cristo, como seu Salvador pessoal e Senhor da sua vida. Tão marcante lhe foi o evento que, para torná-lo mais compreensível para outros, ele o situou numa pequena autobiografia que, tudo indica, preparou especialmente para Suzana, sua mãe.

É notável a centralidade da Bíblia em toda a narrativa, mormente a preocupação de Wesley com temas do Apóstolo Paulo. Suas freqüentes citações, especialmente da Epístola aos Romanos, mostram como Cristo lhe fazia presente através da Palavra. Não é sem significado que fora ao ler Romanos 1:17 ( "O justo viverá da fé" ) que Lutero, séculos antes, havia percebido a natureza graciosa de Deus ou seja, descobria na Palavra o Deus gracioso que tão avidamente vinha buscando. Na véspera de sua experiência, John Wesley escreveu uma carta a um amigo, em que toda a sua angústia espiritual era expressa na linguagem da Epístola de Romanos, concluindo com as palavras de Paulo que se sentia "vendido sob pecado" (Rm 7:14). Mas se na véspera, sem fé pessoal em Cristo, só podia se ver condenado, no dia 24 de maio, foi quando "alguém lia do prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos, cerca de quinze para as nove horas ( da noite), enquanto ele descrevia a mudança que Deus opera no coração pela fé" que Wesley pode experimentar a fé pessoal em Cristo.

Como acontecera em Lutero tanto tempo antes, a palavra de Paulo em Romanos 10:17 ( "...a fé é pelo ouvir e o ouvir pela Palavra de Deus" ) se cumpriu em John Wesley. Assim ele não apenas aprendeu de Martinho Lutero a doutrina máxima da Reforma, a Justificação pela fé, mas também ele havia experimentado a fé e com ela o perdão dos seus pecados e a paz com Deus que acompanha o perdão; o que é a essência da doutrina. Portanto, Aldersgate fala do essencial do protestantismo do movimento Metodista, alicerçado como foi na Palavra de Deus e na Justificação pela fé, e testemunha a dívida que os metodistas têm com Martinho Lutero.

2 - Em segundo lugar, Aldersgate define o lugar da experiência no Metodismo. Isto não o constitui em um molde a ser reproduzido em toda pessoa a que quer ser reconhecida como metodista. Basta lembrarmos que a experiência de Carlos Wesley, ocorrida no dia 21 de maio ( portanto, três dias antes da de John), foi bem diversa da do irmão, mas nem por isso menos autêntica. A experiência pessoal de fé ( confiança) em Cristo e a conseqüente salvação sempre têm sido consideradas pelos metodistas não coisas raras para alguns poucos privilegiados, mas uma ocorrência normal a ser desfrutada por todo cristão, quer homem, quer mulher, fazendo-lhe nova criação em Cristo.

Este fato tem reais conseqüências em todos os níveis e expressões da vida religiosa para metodistas. A fé é sempre mais que uma proposição intelectual a ser aceita como verdadeira; é muito mais um relacionamento pessoal a ser estabelecido, nutrido e fortalecido, com Deus em Cristo. Uma vez que a experiência é central, a especulação passa a ser muito menos importante que a prática. O verdadeiro seguidor de Jesus não é aquele capaz de definir em termos precisos a maneira exata em que Deus se uniu com a humanidade de Jesus; pelo contrário, "conhecerão que sois meus discípulos", disse Jesus, "se vos amardes uns aos outros" (Jo 13:35; Tg 2:18; Mt 25:31-46).

3 - Podemos afirmar finalmente que a experiência fez uma diferença qualitativa na vida e no ministério de John Wesley. Alguns estudiosos de Wesley, destacando a rica herança religiosa da família Wesley (inclusive a profunda influência da mãe Suzana); suas disciplinas já antigas de oração e devoção; a preocupação com os necessitados; e o fato de o próprio Wesley se referir a três começos do Metodismo ( 1729, o "Clube Santo de Oxford"; 1736, a pequena Sociedade dentro da paróquia de Savana, Geórgia; e 1739, quando da organização das sociedades metodistas em Londres) não indicando a data de 24 de maio de 1738 como o início do Metodismo, alguns estudiosos, dizíamos, pelos motivos citados, tendem a minimizar a importância de Aldersgate.

Por que insistir, então, em destacar Aldersgate? Porque o próprio Wesley o destacou! Contra aqueles que argumentam que Wesley nunca mais se referiu a Aldersgate, eu reafirmo o que já demonstrei no meu livro Metodismo Brasileiro Wesleyano, páginas 90 a 94, a saber: a) Suas afirmações verbais, testemunhadas pelo irmão Carlos e outros; b) o novo espírito e a nova ênfase da sua pregação ( justificação pela fé); c) o testemunho das suas cartas; e d) o testemunho dos *Journals*, especialmente os versículos dos frontispícios. Toda esta evidência combina para atestar que, pelo menos até setembro de 1740, Wesley menciona enfaticamente sua experiência do "coração aquecido".

Devo insistir ainda que o próprio Wesley percebeu duas diferenças essenciais entre seu estado antes e depois de Aldersgate. "Então aprendi que paz e vitória são essenciais à fé em Cristo... Eu descobri que a diferença entre o meu atual e antigo estado, principalmente consistia nisso. Eu lutava, sim, pelejava com todas as minhas forças debaixo da lei como debaixo da graça. Mas então era às vezes, senão freqüentemente vencido; agora era sempre vencedor."

Wesley tem razão em insistir que o movimento Metodista tem a ver com comunidades e não só com indivíduo. Mas o movimento Metodista só passaria a ter consistência, permanência e real eficácia depois de Aldersgate, quando, sob a orientação de "novo" Wesley, agora com uma fé vital e atuante, que começa a organizar pessoas que como ele (antes de Aldersgate) buscavam, com sua ajuda, a "fugir da ira vindoura".

Estas pessoas, cõscias do seu estado pecaminoso, eram encorajadas por Wesley a "produzir frutos dignos de seu arrependimento" por: a) evitar o mal (inclusive o de amontoar tesouros sobre a terra); b) praticar o bem ( inclusive alimentar os famintos, vestir os nus, etc) e; c) usar os meios de graça como devoção particular e a pública adoração a Deus.

Nas reuniões metodistas, milhares de mulheres e de homens experimentaram pessoalmente a fé em Cristo e a transformação que disso resultava. Assim, já em 1744, os irmãos Wesley, e alguns dos seus mais íntimos colaboradores concluirão que o próprio Deus havia levantado "o povo chamado metodista" para "reformular a nação, principalmente a Igreja e a espalhar a santidade bíblica por toda a terra."

É tudo isso, e não apenas o que aconteceu no coração de um indivíduo, que os mais de cinquenta e quatro milhões de metodistas ao redor do mundo estão sendo chamados a celebrar!

# **AS MARCAS DE UM METODISTA**

(Texto adaptado do Rev. John Wesley)

O Metodista é alguém que tem o amor de Deus inundando o seu coração pelo Espírito Santo presente em sua vida. É alguém que ama o Senhor seu Deus de todo o seu coração, com toda sua alma, força e entendimento.

O Metodista se regozija sempre. Ora sem cessar. Em tudo é agradecido. Seu coração é cheio de amor para com todas as pessoas e é purificado da inveja, malícia, ira e de todo sentimento indigno. Seu único desejo é o de fazer a vontade de vida, fraternidade e justiça de Deus.

O Metodista guarda o mandamento de Deus: "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo"; amar o próximo como Jesus nos amou. E assume como parte de sua vida todas as implicações daí advindas daí, desde a menor até a maior. O Metodista é alguém que aborrece o mal, pratica o bem e cumpre todas as ordenanças de Deus. O Metodista é alguém que tem sua capacidade para o bem potencializada (aumentada muitas e muitas vezes) pelo amor de Deus que ele acolhe em sua vida. É a presença de Deus quem o faz fortalecido, sábio, misericordioso, construtor da paz e da fraternidade. É a presença e a ação de Deus que o possibilita estar reconciliado com todos os demais seres humanos: que lhe dá forças para perdoar, para superar barreiras, inimizades, intrigas e injustiças. É a presença e a direção de Deus que o faz "sal", "luz", "testemunha viva" e "fermento" do Reino de Deus, orando e trabalhando por um mundo melhor e mais verdadeiramente humano para si mesmo, para sua família, para sua comunidade, para seu povo, para todas as coisas criadas.

O Metodista segue a Jesus como "Igreja" que é Povo de Deus, que é Família da Fé, que é Corpo de Cristo. Pois além de saber que a união faz a força, que a unidade dos cristãos é vital para o testemunho do Evangelho, sabe também que a Igreja de Jesus é a "fonte" da tradição, do conhecimento, do testemunho e da prática da Palavra de Deus. É a Igreja que cuida, transmite, prega, ensina, educa e forma geração após geração na Palavra do Senhor.

O Metodista faz o bem a todas as pessoas. Sabe que todo ser humano é seu próximo, por mais desumano que ele seja, por mais desconhecido ou distante que ele esteja. Não ama as pessoas apenas porque elas mereçam ou deixam de merecer seu amor; ama aos demais porque o amor de Deus está nele.

O Metodista não fala mal do seu próximo. É avesso à mentira (a ausência de verdade). Por viver uma vida como Filho(a) de Deus suas palavras são palavras unguidas, construtivas, de apoio, consolo, fraternidade e alegria. É incapaz de dizer palavras ofensivas, depreciativas ou vis. Comunicação corrupta jamais sai de sua boca, pois seu coração é cheio da presença de Deus.

O Metodista não se distingue dos demais pela língua, pela comida, pela roupa, pelo corte de cabelo ou por quaisquer outros sinais externos ou por qualquer tipo de gênero de vida extraordinário. Segue os costumes locais relativamente ao vestuário, à alimentação e ao estilo de viver das demais pessoas da comunidade e país onde vive, apresentando sempre um estado de vida admirável e sem dúvida bom. Não permite que lhe imponham nem se deixa conduzir pelos costumes do mundo (da sociedade em sua volta) pois o vício, a violência, a corrupção, o machismo, a banalização da vida e a valorização da morte, e toda sorte de pecado e mal, não perdem a sua natureza diabólica (que se opõe e fere o projeto de fraternidade e justiça de Deus) só porque entram na moda, nos costumes, na cultura.

Não cultiva preconceito de nenhum tipo: nem de raça, nem de nacionalidade, nem de idade, nem de sexo, nem contra os pobres. O Metodista sabe que Jesus, seu Senhor e Salvador, ama a todas as pessoas e que ele, servo de Jesus, não pode opor-se ao seu Mestre agindo de modo diferente, negando-o, desonrando-o.

O Metodista é aquele que espera contra toda esperança, mesmo quando não há esperança. Espera em Deus. Ele bendiz o nome do Senhor, quer Ele lhe dê ou dele tire. Já aprendeu a estar contente qualquer que seja a situação. Ele sabe estar abatido ou ter em abundância. Está firme em sua fé em todas as circunstâncias, não só sentir alegria como nas perseguições e nas injustiças, não só a ter fartura como passar fome, a possuir em quantidade ou a ter necessidades. Ele confia no Deus da sua salvação. O metodista não fica, portanto, cuidadoso, ansioso ou irrequieto por coisa alguma, pois já lançou todos os seus cuidados sobre aquele que o sustenta e dele cuida.

A norma invariável do Metodista é sempre esta: "E tudo quando o fizerdes, seja em ação ou em palavra, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando glória a Deus Pai." Ele está disposto a gastar o que tem e a si mesmo, até ao ponto de ser oferecido em sacrifício e serviço.

Estes são os princípios e práticas de nosso grupo. Estas são as marcas do verdadeiro Metodista. Os que são assim chamados desejam distinguir-se dos demais tão somente por isto.

Mas se alguém disser: "Mas ora, estes são apenas os princípios comuns e fundamentais do Cristianismo"!!! É isto exatamente o que eu quero dizer. Esta é a mais pura verdade. O Metodismo não é nada mais e nada menos que isto!

Eu gostaria que toda gente entendesse que eu, e todos quantos os que são chamados Metodistas, veementemente nos recusamos a sermos distinguidos dos outros homens e mulheres a não ser pelos princípios do Cristianismo. O simples e velho Cristianismo é o que eu ensino, renunciando e detestando a todos os demais sinais que sirvam para a distinção entre as pessoas. Qualquer pessoa que tenha as marcas a que eu me refiro (qualquer que seja a denominação que prefira e congregue!) é um Cristão, não apenas de nome, mas de vida e de coração. Por isso, de modo algum queremos ou podemos nos distinguir dos cristãos autênticos e fiéis ao Senhor Jesus (qualquer que seja a denominação que participam!). "Pois, quem quer que faça a vontade de meu Pai, que está no Céu, é meu irmão, irmã ou mãe". Não destruamos a obra de Deus por causa de simples termos e opiniões. É o teu coração reto para comigo assim como o meu o é para contigo? Eu nada mais pergunto. Se assim o for, dá-me tua mão em sinal de comunhão e meu irmão(ã) serás.



# A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ: UM RELACIONAMENTO EM AMOR

(texto adaptado a partir das 212 páginas do livro O CAMINHO DO CORAÇÃO, do Pr. Ricardo Barbosa de Souza).

A crise que hoje vivemos, não apenas no Brasil mas em todo mundo ocidental, é o resultado da falência de uma civilização científica e tecnocrática, que fracassou ao desconsiderar a dimensão espiritual e relacional do ser humano. Em parte, essa crise que vivemos tem suas raízes nos afetos. As transformações que a civilização moderna vem experimentando nestes últimos anos tem provocado mudanças, muitas vezes não percebidas por nós, e que afetam profundamente nossas estruturas comunitárias e relacionais. A competitividade instalou-se no homem moderno como um vírus para o qual ainda não se descobriu nenhum antídoto. Pelo contrário, ele vem sendo alimentado pelo individualismo e o consumismo que se tornaram o passaporte para a realização do homem.

Este fenômeno vem atingindo também a comunidade cristã na forma de um novo modelo de espiritualidade que desagrega e compromete o sentido de ser igreja. Muitas igrejas vivem hoje um clima de intensa competitividade que as leva a uma permanente busca de modelos litúrgicos alternativos, como se fossem “grifes” disputando seu espaço no mercado religioso. É preciso inovar para competir, para manter-se no mercado.

Sabemos muito sobre Deus, teologia, missão, ética, moral, louvor, etc, mas nossa experiência pessoal e afetiva com Deus é excessivamente pobre. Se olharmos para nossa vida de oração, por exemplo, poderemos constatar isso sem muita dificuldade. Para muitos de nós a oração é o aspecto da vida cristã em que sempre nos encontramos em falta. Mas, mesmo assim, o cultivo da oração apenas como uma amizade com Deus, pelo simples prazer de estar em sua presença e gozar sua companhia, é uma experiência tanto rara para muitos cristãos, simplesmente porque não sabemos o que significa –de fato- amizade. É relativamente raro encontrar alguém que tenha tido uma verdadeira experiência de amizade. Quando se vê pessoas orando e nas suas orações fazendo afirmações do tipo “eu ordeno”, “eu reivindico” ou mesmo “eu exijo”, podemos imaginar que tipo de amizade essas pessoas estão construindo com Deus; ou que imagem de Deus estas pessoas têm em mente quando oram.

Com certeza um marido infiel é um péssimo marido. Mas o pior de todos não é o marido infiel, mas aquele extremamente fiel, zeloso, cuidadoso, provedor, mas incapaz de amar. Muitas vezes nossa espiritualidade é assim: somos fiéis, ortodoxos, zelosos, trabalhadores, assíduos, comprometidos, mas não expressamos os ternos afetos de amor e intimidade para com Deus. Temos o conhecimento, a experiência, mas perdemos o amor.

Até o século XVI, o teólogo e o santo eram uma coisa só. Não havia distinção entre eles. O teólogo era um sábio, alguém cuja experiência e intimidade com Deus havia conferido um grau de integridade, devoção e santidade que o levava a falar de Deus com autoridade. Portanto, o pressuposto básico era que fosse um convertido, que conhecesse Deus e gozasse de íntima comunhão com Ele. Após o século XVI, com o surgimento do Racionalismo, fruto de revoluções culturais como o Renascimento e o Iluminismo, desenvolveu-se o conceito do teólogo como aquele que é capaz de explicitar e articular a realidade de Deus. Neste sentido, todo cristão passou a ser potencialmente, um teólogo. Hoje, a teologia tornou-se uma ciência. Até mesmo uma pessoa que não goza de qualquer relacionamento pessoal com Deus pode ser um teólogo. Hoje não temos mais os santos (aqueles cuja intimidade, sabedoria e santidade nos inspiram e motivam à oração, meditação e contemplação!). Eles foram substituídos pelos ídolos religiosos e pelas celebridades. Admiramos muito aqueles líderes bem sucedidos, com suas mega-igrejas e orçamento de fazer inveja a muitas empresas de médio porte. Mas aqueles que trilham o caminho da humildade e renúncia, da oração como caminho para a amizade com Deus e compreensão da sua vontade não inspiram os suspiros das multidões.

Nossos ideais cristãos estão sendo determinados pelos mesmos ideais que determinam os valores do mundo (da sociedade secular). A busca pelo sucesso, pelo poder, pela ostentação, o uso do marketing na propaganda religiosa, a definição de sucesso a partir das pesquisas estatísticas, têm-nos levado a buscar um modelo de liderança, e conseqüentemente de espiritualidade, mais ao modelo de “Lair Ribeiro” do que ao de Jesus. Seguir a Cristo deixou de ser um projeto radical de vida e serviço, para ser um novo símbolo de “status”.

Quando nossa realização só se dá através do sucesso, do poder e do trabalho, quando nossa segurança depende da conta bancária e nossa felicidade do sexo, etc, transformamos num “deus” aquilo que deveria ser uma dádiva divina.

A vida abundante não é a vida que possui tudo com abundância, mas a que encontrou no amor de Cristo a plenitude da dignidade, de ser aceito e amado pelo que é, e não pelo que possui.